

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Mestrado Profissional em Educação e Docência

Giovanna Antônia Vichiato Lima

A EXPOSIÇÃO COMO EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE SENTIDOS

Belo Horizonte

2016

Giovanna Antônia Vichiato Lima

**A EXPOSIÇÃO COMO EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DE
SENTIDOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional Ensino e Docência do Departamento de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação e Museus

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Jefferson de Oliveira.

**Belo Horizonte
2016**

L732e
T

Lima, Giovanna Antônia Vichiato, 1964-
A exposição como experiência pedagógica de sentidos / Giovanna
Antônia Vichiato Lima. - Belo Horizonte, 2016.
87 f., enc, il.

Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação.

Orientador : Bernardo Jefferson de Oliveira.

Bibliografia : f. 79-87.

1. Educação -- Teses. 2. Museus e escolas -- Teses. 3. Ensino
audiovisual -- Teses. 4. Ensino -- Meios auxiliares -- Teses.
5. Exposições -- Aspectos educacionais -- Teses.

I. Título. II. Oliveira, Bernardo Jefferson de. III. Universidade Federal
de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 371.33

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG

Dissertação intitulada A Exposição como experiência pedagógica de sentidos, de autoria da mestranda Giovanna Antônia Vichiato Lima, apresentada ao Programa de Mestrado Profissional Educação e Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de Pesquisa: Educação e Museus

Aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Bernardo Jefferson de Oliveira – FAE / UFMG
Orientador

Profa. Dra. Lana Mara de Castro Siman – FAE / UEMG

Profa. Dra. Betânia Gonçalves Figueiredo – FAE / UFMG

Belo Horizonte, 11 de Fevereiro de 2016

*A todos os profissionais da educação
que fazem a diferença na vida
daqueles que cruzam o seu caminho.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que sempre guiou os caminhos da minha vida e me iluminou para encontrar esses caminhos.

À minha linda família, Adelson, Filipe e Dani, que sempre soube entender minha determinação e me deram apoio incondicional.

Aos amigos e familiares que souberam entender e respeitar as minhas ausências.

A todos que acreditaram em mim e proferiram palavras que me encorajaram a seguir em frente.

Aos queridos Filipe e Mateus pela ajuda técnica e artística na construção do produto final.

À amiga Fátima por sua disposição em revisar o trabalho, mesmo dividindo o tempo da pequena Dandara.

Ao meu orientador Bernardo pelo carinho com que me ajudou a encontrar a direção a seguir.

*Os objetos sobrevivem ao morto:
os sapatos,
o relógio,
os óculos
sobrevivem
ao corpo
e solitários restam
sem conforto.*

*Alguns deles, como os livros,
ficam com o destino torto.
Parecem filhos deserdados
ou folhas secas no horto.
As joias perdem o brilho
embora em outro rosto.*

*Não deveriam
deixar pelo mundo
espalhados
os objetos órfãos do morto,
pois eles são, na verdade, fragmentos
de um corpo.*

Affonso Romano de Sant'anna

RESUMO

Esta pesquisa aborda algumas práticas educativas dos museus e propõe o uso de algumas de suas técnicas para elaboração de exposições no espaço escolar. Na parte teórica, buscamos o diálogo com autores que tratam do desenvolvimento da sensibilidade e da valorização da experiência no processo de ensino aprendizagem, bem como o incentivo ao resgate de objetos materiais representantes da cultura, memória e identidade para o trabalho pedagógico. O produto proposto a partir de nossa investigação é um guia para auxiliar o professor da educação básica na elaboração de exposições no espaço escolar que proporcionem experiências estéticas com sugestões de temáticas variadas.

Esse guia, que é contextualizado no 2º capítulo e apresentado no 3º capítulo, está disponibilizado através de um site na internet. Seu uso, bem como a discussão sobre seu potencial e limitações são tratados no capítulo final desta dissertação.

Palavras-chave: Experiências educativas. Exposição escolar. Educação e sensibilidade. Objetos na escola.

ABSTRACT

This research addresses some educational practices of museums and proposes the use of some of their techniques for the preparation of exhibitions at school. In the theoretical part we seek dialogue with authors who deal with sensibility development and appreciation of the use of experience in the teaching-learning and encouraging the rescue of material objects representatives of culture, memory and identify for the pedagogical work. The resulting product of our research is a guide to help k-12 teachers to develop exhibitions at school, providing aesthetic experiences with varied thematic suggestions.

This guide, which is contextualized in the 2nd and presented in the 3rd chapter, will be made available on a website. Its potential use and limitations are discussed in the final chapter of this dissertation.

Key words: Educational experiences. School exposure. Education and sensitivity. Objects in School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Página de abertura do site	35
Figura 2	Sobre o projeto	36
Figura 3	Porque fazer uma exposição	37
Figura 4	A poesia dos objetos	38
Figura 5	Passo a passo para montar uma exposição	39
Figura 6	Texto introdutório do passo a passo	40
Figura 7	Passo 1	40
Figura 8	Passo 2	41
Figura 9	Passo 3	41
Figura 10	Passo 4	42
Figura 11	Passo 5	42
Figura 12	Passo 6	43
Figura 13	Passo 7	43
Figura 14	Orientações gerais para exposições	44
Figura 15	Trilha dos sentidos	45
Figura 16	Montando um relicário	46
Figura 17	Grafite: Arte ou Vandalismo	47
Figura 18	Objetos de ofício	48
Figura 19	Objetos queridos	49
Figura 20	Objetos de medida	50
Figura 21	Objetos de fé	51
Figura 22	História da escola	52
Figura 23	Links úteis	53
Figura 24	Download	54

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	19
2	O PROCESSO.....	23
2.1	Relato de uma experiência.....	31
2.1.1	Construindo um Relicário.....	32
3	JANELA DO SENSÍVEL.....	35
4	SOBRE EXPERIÊNCIA E SENSIBILIDADE.....	57
5	SOBRE EXPOSIÇÕES E OBJETOS.....	69
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
	REFERÊNCIAS.....	83

1. APRESENTAÇÃO

... que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

Manoel de Barros

Porque me encanta o Museu? Não é fácil responder a esta pergunta. Tento lembrar-me de quando este encantamento começou, mas a memória não é precisa e percebo que este sentimento foi sendo construído gradualmente e se intensificando. Seria somente a busca do conhecimento? Isto poderia ser feito em outros locais e outros formatos. Além do mais, sempre saio destes espaços com uma vontade de saber mais sobre a temática visitada. Seria uma forma de lazer cultural? Seria uma forma de culto à memória? Seria por mera curiosidade? Compreendo que estes são só alguns dentre muitos questionamentos para tentar explicar o prazer que me traz uma visita a uma exposição.

Durante esta etapa de minha vida acadêmica, pude compreender que o encantamento vem de experiências carregadas de sentido que esses espaços quase sempre me proporcionam. São momentos de informação também, mas acompanhados de momentos de contemplação, de silêncio, de memória, de desaceleração.

Pensando em minha experiência, atrevo-me a extrapolar para os outros. Assim como me encanto, vejo também outros encantamentos, e, da mesma forma, presencio o oposto, mero consumismo cultural descartável - pessoas que saem de uma exposição sem serem afetadas, como se tivessem passeado pelos corredores de um *shopping*, observando vitrines. A própria frequência a estes espaços é algo bem questionável. Existem aqueles que só visitam os espaços expositivos de onde moram quando recebem um parente ou amigo de fora e precisam levá-lo a conhecer

a cidade. Outros dizem valorizar estes espaços, mas não encontram tempo para estas visitas. Outros ainda não se sentem “à vontade” para entrar nestes espaços, não se sentem pertencentes a eles.

Entender esse afastamento, essa distância, esse desinteresse não constitui tarefa simples, e, embora importante, não será meu objetivo aqui. Mas será que posso fazer algo para contribuir para uma mudança? Analisando situações dentro de minha prática profissional, comecei a pensar em algo a se fazer, mesmo que fosse um simples começo, visto que parte significativa dos visitantes destes espaços provém do público escolar.

Presenciar e vivenciar nas escolas, o planejamento de visitas a museus e outros espaços expositivos sempre me causava uma inquietação. Não percebia na maioria dos alunos um entusiasmo com a atividade prevista. E também não percebia ao final da visita, aquele encantamento que eu esperava que acontecesse. Para a maioria, estas visitas acabavam se tornando meras aulas passeio, que no dia seguinte, acabavam por serem esquecidas, a não ser por uma atividade avaliativa que deveria ser apresentada. Neste contexto, o que me parecia, era que a situação de aprendizagem se restringia a responder questionários ou redação de textos nos quais o aluno deveria relatar o que mais gostou ou o que mais o impressionou. Nem sempre percebia um cuidado maior com a preparação para a visita, uma escolha que levasse em conta o contexto do aluno, a bagagem cultural que ele trazia, dentre outros fatores.

Diante desta falta de encantamento de muitos, outros questionamentos me inquietavam. Será que aqueles que visitam uma exposição, se encantando ou não, fazem ideia do que está por detrás daquela montagem? Têm a mínima noção do processo e do pessoal envolvido desde a pesquisa e planejamento à abertura do evento para visitação? Dos cuidados da curadoria, das preocupações com a disposição dos objetos e obras expostos, da iluminação, da preocupação com a trajetória ou trajetórias possíveis do visitante? Percebem ainda a atenção com o público com necessidades especiais, com o equilíbrio de temperatura que seja

agradável ao visitante e propício para a conservação das obras? Lembram-se de colaborar com uma avaliação ao final quando esta é solicitada?

Apesar do caráter subjetivo da questão, é possível a compreensão de alguns aspectos que fazem parte da construção de uma exposição, dos cuidados e dos objetivos que se pretende atingir com o evento. Objetivos estes que são pautados, muitas vezes, por aspectos ou interesses políticos e comerciais. Exemplos são as mega exposições que trazem obras mundialmente conhecidas, atraem a atenção da mídia, públicos numerosos, em geral, números inéditos para os museus que assim alcançam grande visibilidade, e podem ou não encantar os visitantes.

E o que os alunos sabem sobre exposições? Quais experiências estes alunos possuem de montagem e/ou visitação a exposições? Sabemos que muitas escolas possuem em seu calendário, até como atividade fixa dentro do cronograma, a realização de Feiras de Ciências ou Feiras de Cultura. Em geral, são eventos marcantes, que envolvem boa parte da comunidade escolar, demandam um trabalho de pesquisa, preparação dos trabalhos com montagens quando é o caso, coleta de espécies e/ou objetos e estudo para apresentação aos visitantes no dia do evento. Porém, tudo ocorre de forma tão intensa, com pouco tempo para montagem e organização, que a espetacularização acaba tornando-se diretamente relacionada ao sucesso do evento. Verifica-se uma grande profusão de trabalhos aglomerados em pouco espaço, pois nenhum pode ficar de fora, visto que os pais e familiares são os grandes convidados e precisam ver a produção de seus entes queridos, que justifique tantos investimentos financeiros, de tempo e dedicação.

Mas qual o nível de encantamento que estes eventos provocam nos alunos? Não há dúvidas que proporciona aprendizado (não vou discutir o caráter deste aprendizado), mas atinge a todos? Os resultados são os esperados?

Com tantos questionamentos, partimos para uma busca de respostas e caminhos possíveis para compreender melhor este cenário e propor algo que contribuísse para um despertar de mudanças. Algo que fosse exequível em qualquer realidade escolar. A nossa opção foi pela construção de um Guia que auxiliasse o professor na montagem de exposições na escola para além das tradicionais Feiras de

Ciências ou de Cultura. Exposições que fossem experiências significativas de aprendizagem e que possibilitassem o desenvolvimento da sensibilidade, muitas vezes perdida na rotina escolar, assim como no cotidiano da vida.

O processo que nos levou a esta opção está descrito no primeiro capítulo deste trabalho. Nos capítulos seguintes estão algumas discussões teóricas e ponderações sobre as categorias *experiência e educação para a sensibilidade e exposição e objetos*. Em seguida, apresentamos uma descrição do guia que será disponibilizado virtualmente.

2. O PROCESSO

*Ninguém caminha sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.
Paulo Freire*

O ingresso neste curso e nesta linha específica se deu em meio a uma vivência profissional de acompanhamento de turmas de alunos, principalmente adolescentes, de escolas públicas em visitas a museus e outros espaços expositivos. Era uma prática devido à função ocupada naquele momento como coordenadora de turmas de um Programa de Aceleração de Estudos da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, que me propiciava uma relação superficial com os alunos, visto não ser eu a professora deles, mas em geral acompanhava alguns grupos em visitas. Incomodava-me a falta de encantamento que os estudantes demonstravam antes, durante e após as visitas.

Em projeto inicial, minha proposta consistia de acompanhar essas visitas e tentar mensurar ou avaliar qual o impacto que essas experiências culturais teriam na formação desses jovens e adolescentes. Partia do princípio de que se a educação busca o pleno desenvolvimento do ser humano e o seu preparo para o exercício da cidadania, então a cultura, intimamente associada à educação, deve fazer parte desta trajetória. Assim, proporcionar e qualificar essas visitas deveria ser fundamental. Então porque não conseguia enxergar o entusiasmo esperado nesses visitantes? Será que a preparação para as visitas não estava sendo bem feita? Ou seriam os espaços visitados que não recebiam bem esses jovens?

Parti então para uma pesquisa sobre museus, desde sua origem e transformações ao longo da história, chegando à sua ressignificação em meados do século XX no mundo e, principalmente, no Brasil, que não cabe aqui detalhar. Nessa pesquisa, pude evidenciar a aproximação do museu com a escola, aquele cada vez mais como um local de ensino/aprendizagem, enfatizando uma dimensão pedagógica dentro de seu planejamento e estrutura. Ficou claro ainda, como esses espaços têm buscado se qualificar e se preparar para receber o público, especialmente o escolar, que

constitui o maior quantitativo de seus visitantes. Essa qualificação passa por atender às novas demandas de uma geração digital, cujo aprendizado não se dá de forma passiva, propiciando aos visitantes momentos de intervenção no processo. A promoção de oficinas e cursos para professores, elaboração e disponibilização para as escolas de material de apoio para a preparação das visitas, bem como para o pós-visitas, além de oficinas para os alunos durante essas saídas, adequações da mediação e outras atividades oferecidas a públicos variados em função de faixa etária, nível de escolaridade, necessidades especiais, entre outros, são ainda, ações que objetivam um melhor atendimento aos visitantes.

Os museus então têm buscado estratégias que transformam a exposição em um local de diálogo, de interatividade, onde o visitante participa ativamente do processo de conhecimento. Outra estratégia constatada e considerada fundamental pela maioria dos museus é a presença do mediador, guia, monitor, educador, orientador. Mais do que um termo para designar o profissional que acompanha as visitas, o importante é que este seja capaz de orientar e encantar, para que a visita agregue aos visitantes conhecimento, habilidades, experiências sensoriais e atitudes¹. Percebe-se, portanto, por parte dos espaços expositivos, uma tentativa de bem receber a todos, inclusive aos jovens aos quais me refiro.

Através da pesquisa, vimos ainda, um crescimento considerável no campo da educação em museus, confirmando, a cada dia, o museu como um espaço educacional. Esta percepção se reflete no crescimento do número de trabalhos acadêmicos que se debruçam sobre a temática, que pudemos constatar ao longo de nossa pesquisa, mas que não constitui nosso objetivo.

Mesmo com todo este esforço, porém, percebemos que as ações não atingem a grande parte do público escolar. Boa parcela desse público ainda não dispõe de condições concretas para a promoção das visitas, por uma gama de fatores - falta de disponibilidade do professor em participar das oficinas e cursos, elevado número

¹ MARANDINO, Martha (org). Educação em museus: a mediação em foco. São Paulo: Geenf/FEUSP, 2008.

de turmas nas escolas, o que demandaria recursos financeiros que nem sempre a escola possui, dificuldade de agendamento nos museus, falta de espaços para visitação em comunidades mais carentes e distantes, alegação dos docentes que as saídas atrasam o cumprimento de seu programa de conteúdos.

Inspirada em uma experiência que considero bem sucedida, e que relato mais à frente, na qual o envolvimento dos alunos foi grande durante todo o processo até o momento da exposição de objetos significativos que chamamos de construção de um relicário, surgiu a ideia de uma proposta orientada para que o professor pudesse implementar dentro do espaço escolar, que envolvesse efetivamente os alunos e que fosse significativa para o processo ensino-aprendizagem, mas acima de tudo, que propiciasse experiências carregadas de sentido. A proposta, então, é a construção de um guia que auxilie o professor na elaboração de exposições dentro do ambiente escolar, com algumas sugestões temáticas adaptáveis às diversas realidades.

Para esta construção, iniciamos o trabalho de pesquisa buscando experiências semelhantes em pesquisas e periódicos acadêmicos nacionais e internacionais na área de educação, porém, sem muito sucesso. O levantamento foi feito por meio de busca de palavras chaves em bases de busca de revistas específicas da área de educação e de museus.

Os poucos resultados encontrados na área da educação sempre se referiam a Feiras de Ciências, Tecnologia ou Cultura, que buscam a contextualização do conhecimento com a realização de experimentos e/ou demonstrações práticas, voltadas para o raciocínio lógico, racional e a aprendizagem de conhecimentos com status de ciência. E a ideia era uma proposta de exposição diferente, que propiciasse experiências mais carregadas de sentimento e sensibilidade como a apresentada no trecho do trabalho de João Francisco Duarte Júnior.

Aqui se insistirá, pois, na necessidade atual e algo urgente de se dar maior atenção a uma educação do sensível, a uma educação do sentimento, que poder-se-ia muito bem denominar *educação estética*. Contudo, não nesse

sentido um tanto desvirtuado que a expressão parece ter tomado no âmbito escolar, onde vem se resumindo ao repasse de informações teóricas acerca da arte, de artistas consagrados e de objetos estéticos. Trata-se, antes, de um projeto radical: o de retorno à raiz grega da palavra “estética” – *aisthesis*, indicativa da primordial capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado. (DUARTE JUNIOR, 2000, p.15).

A Feira de Ciências é quase sempre a culminância de um projeto, cujo caráter é principalmente a divulgação de trabalhos científicos das áreas conhecidas como ciências exatas e da natureza, dentro das competências de cada nível de ensino, e normalmente pressupõe uma competição com premiação. Dentro da proposta da organização destas feiras, o foco está na apresentação dos resultados, então pouco se vê uma preocupação com a questão visual, o senso estético, a mobilidade dentro do espaço expositivo. O que importa é dispor os objetos e trabalhos para que nada fique de fora. É tudo tão rápido e pensado em uma dinâmica de modo que o foco principal não é a promoção de momentos de contemplação, de amarração de sentidos, nem por parte de quem está expondo e nem de quem está visitando, chegando, na maioria das vezes, à mera transmissão de informação/conhecimento. Valoriza-se o racional em detrimento das emoções.

Compreendemos que estas experiências são positivas e buscam a melhoria do processo de ensino e aprendizagem. Entendemos também que há um grande envolvimento tanto técnico como emocional dos atores no processo de produção, como pude comprovar no relato de duas alunas do 9º ano de uma Escola Municipal de Belo Horizonte, em uma Feira de Ciências Aplicadas que visitei em 2015². Nesse evento, elas apresentavam um trabalho de matemática utilizando a informática para calcular o consumo de água na escola, bem como para sugerir medidas simples de economia. Afirmaram que durante a preparação do trabalho o entrosamento entre os colegas de sala melhorou bastante, perceberam um maior envolvimento de alguns

² II FECATEC – Feira Interinstitucional de Ciências Aplicadas e Tecnologias – Realizada pela Coordenação de Divulgação Científica da Estação Ecológica da UFMG em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, realizada nos dias 21, 22 e 23 de outubro de 2015.

alunos com questões sociais como a crise hídrica e uma aproximação da turma com professores e funcionários da escola, além do aprendizado na disciplina.

Não era esse tipo de exposição que tínhamos em mente para sugerir que os alunos experienciassem. Isso não significa que não consideramos as feiras de ciências como uma prática pedagógica valorosa. Apenas idealizamos uma experiência com um caráter mais estético, mais contemplativo e menos frenético.

Embora, saibamos que expor os trabalhos dos alunos no ambiente escolar é uma prática bastante comum dos professores, principalmente os de Arte, não encontramos fontes acadêmicas que nos trouxessem informações e relatos sobre essas experiências. O resultado de nossa busca em publicações pedagógicas também não foi muito diferente, o que nos levou à confirmação de que bons trabalhos e boas ideias acontecem com grande frequência nas escolas, porém o registro desses se reduz a fotografias ou filmagens para arquivos particulares dos professores, dos alunos ou das escolas. Constatamos a deficiência de formas de circulação e divulgação dessas experiências em suportes que pudessem ser mais acessíveis a pesquisas e ao cotidiano escolar de modo que propiciassem a reprodução de boas ideias.

Continuando então nossa busca, pesquisamos junto aos setores educativos de alguns museus, em suas propostas de cursos de formação para professores como preparação para as visitas, ou ainda nos materiais didáticos oferecidos pelos museus antes, durante e para trabalhos pós visitas. Deparamos-nos com alguns projetos que consideramos interessantes. Como exemplo dessas práticas que nos chamaram a atenção, citamos o *Aula de Museu*³, do Museu de Artes e Ofícios, nas quais acontecem visitas da equipe do setor educativo às escolas apresentando a temática. São levadas peças do acervo do museu até a escola e apresentadas aos alunos, além de materiais informativos e didáticos. O objetivo é que a visita ao museu ganhe maior vitalidade e envolvimento dos alunos e professores. Tentamos um contato junto ao setor educativo do museu para acompanhar uma dessas visitas

³ Ver <http://www.mao.org.br/acao-educativa/aula-de-museu/>

da equipe à escola, mas não conseguimos viabilizar esse acompanhamento. Uma outra ação do mesmo museu que nos chamou a atenção, foi o *Socializando Práticas Educativas*⁴, em que o educador escolar e não escolar apresentam, através de um edital específico, experiências significativas que realizou junto a seus alunos antes, durante ou após a visita, com o objetivo de alimentar um banco de práticas didáticas desenvolvidas pelos educadores a fim de compartilhar tais práticas no site da instituição.

Novamente os relatos, embora interessantes, não condiziam com nossa procura. A ideia inicial era levar algumas das práticas dos museus para o contexto da escola. Como o professor poderia se servir de conceitos, procedimentos e vivências características dos museus para complementar e aperfeiçoar sua prática escolar.

A relação entre escola e museu é um desafio que vem sendo colocado há algum tempo no debate da educação museal. As origens do papel pedagógico de complemento ao ensino escolar que os museus assumiram ao longo do século passado se encontram diretamente ligadas às novas propostas de educação da época, cujos educadores introduziram as ideias do uso educacional dos museus. Se por um lado significaram avanços em esforços por modernizações dos museus brasileiros, por outro, as ações voltadas para públicos amplos, independentemente da escola, perderam terreno, visto que a grande maioria do público que frequenta o museu é de crianças e jovens levados por suas escolas, e manter este atendimento significava o cumprimento de metas e propósitos educacionais previstos pelas instituições. (LOPES, 1991). A organização de serviços educativos para facilitar as relações entre museu e escola evidencia que houve uma tendência de transposição para o interior do museu das metodologias e práticas do ensino escolar, a que os estudiosos da temática chamam de escolarização dos museus. Essa relação museu-escola permanece com inúmeras lacunas e algumas análises situam os professores como centro dos problemas, principalmente pela falta de incentivo deles em relação

⁴ Ver <http://www.mao.org.br/acao-educativa/socializando-praticas-educativas/>

às visitas. Os educadores, por sua vez, não percebem um resultado positivo nas visitas que justifiquem tantas dificuldades, e, muitos desanimam desse trabalho.

O que percebemos, quando Lopes escreve *a favor da desescolarização dos museus*, é que esses espaços têm muito a contribuir com a educação, e faz-se necessário compreender a sua prática sob novas perspectivas e não como explicita a seguir.

O problema está em que a questão da contribuição dos museus à educação não deveria ser tratada como de costume nem apenas do ponto de vista de enriquecer ou complementar currículos, ou ilustrar conhecimentos teóricos, nem tampouco valendo-se de propostas de intervenção direta no processo educacional que dificilmente não se comprometeriam com o desempenho como um todo das sequências longas e rotineiras das relações formais de aprendizagem escolar. (LOPES, 1991).

Enquanto a museologia busca refletir sobre a sua prática de relação com a escola, buscando novos caminhos, entendemos que a experiência museal também pode ser enriquecedora para a educação escolar. Adotamos então a ideia de transpor experiências da prática museal para a escola como um desafio para a elaboração de um guia para a montagem de exposições na escola – produto de nosso mestrado – que pudesse de alguma forma ajudar professores da educação básica na condução de experiências.

Porque atividades com características de eventos únicos, de tal forma marcantes, que possam motivar interesses até então impensados, que possam despertar sentimentos e processos de aquisição de conhecimentos, os quais não há meios imediatos de medir, não podem ser fundamentais para o processo de formação educacional e cultural das pessoas? (LOPES, 1991, p.453).

Com esse objetivo, nos direcionamos então para a pesquisa junto à expografia, na área da museologia, onde encontramos vasto material direcionado à prática museológica, e partimos então para as adaptações de conceitos e procedimentos dessa área à realidade escolar. Percebemos que não seria uma tarefa simples, pois

a dinâmica de uma exposição na escola apresenta características que muito se afastam de uma dinâmica de exposição no museu. E era preciso deixar claro que o nosso foco é a escola. Assim procuramos ler as fontes que nos dizem da museologia e da expografia com o cuidado de não perder a referência escolar. Essa mesma preocupação nos direcionou na elaboração do Guia.

Este trabalho parte da convicção de que o que se busca com uma atividade como esta que sugerimos, vai muito além da assimilação dos conteúdos das disciplinas ou da articulação do conhecimento escolar com o conhecimento social. São momentos valiosos para se despertar ou conhecer, ou ainda, desenvolver habilidades diversas. Busca-se também, despertar e aguçar a sensibilidade, para uma dimensão estética da realidade. Nosso pressuposto é que com a vivência da preparação de uma exposição, que é prática corriqueira em museus, professores e alunos encarariam os desafios de provocar e reforçar nos outros o processo de significação de leituras do real que considerem importante. Esse processo de construção de novas experiências é coletivo e enriquecedor para quem está envolvido, e o envolvimento e a busca de conhecimento, podem ser divertidos.

Em uma rotina escolar, com elevado número de alunos em sala, nem sempre o professor consegue ver cada aluno com suas especificidades. Existem sempre aqueles que se destacam por algum motivo, que vão de um extremo a outro. São aqueles que tiram as melhores notas e aqueles com um histórico de indisciplina, que “perturbam” a aula inteira.

Promover atividades como as que sugerimos neste trabalho, podem levar à oportunidades de experiências coletivas com possibilidades fantásticas, que bem observadas e exploradas, podem mudar a relação com alguns alunos, que, até então, não tenham se sentido encorajados a demonstrarem suas capacidades e habilidades.

Lembro claramente de um episódio acontecido na escola onde trabalho que foi marcante. Havia um aluno (como muitos outros), que não realizava a maioria das atividades propostas, não demonstrava interesse naquilo que estava sendo ensinado, até o dia em que a professora de literatura, ao promover um sarau sobre

Literatura Brasileira no século XIX, com turmas do 2º ano do Ensino Médio, pediu que ilustrassem o evento. Foi então que esse aluno demonstrou suas habilidades e fez desenhos muito bons dos poetas brasileiros da época. As ilustrações surpreenderam a todos, mostrando dons e habilidades até então desconhecidos tanto pelos colegas, quanto pelos professores. O olhar sobre este aluno mudou naturalmente graças a essa experiência diferenciada.

E é no sentido de colaborar com sugestões que possam trazer opções para auxiliar o trabalho do professor da educação básica e também da Educação de Jovens e Adultos em construções de experiências que possam propiciar a retomada e/ou o desenvolvimento da educação para a sensibilidade é que optamos por fazer este Guia que apresentamos no capítulo 3 e que estará disponível na versão digital em endereço eletrônico a ser fornecido. O objetivo é apresentar as etapas de construção coletiva de trabalhos, que possam conciliar áreas do conhecimento como ciência, arte, poesia, história, técnica, ou simplesmente propiciar vivências que podem levar a transformações dos indivíduos, atentando para detalhes que agucem a sensibilidade das relações, o afeto, entre professores e alunos, entre a turma, e entre expositores e visitantes, além destes com o(s) objeto(s) da exposição. Acreditamos que o envolvimento da família é primordial, seja colaborando na doação ou empréstimo de objetos materiais, seja no compartilhamento de experiências culturais diferenciadas, além de participar como visitantes. Propor ao aluno atividades que lhe permitam transitar tranquilamente entre o mundo físico e social e lhe proporcionem a possibilidade de um saber sensível numa sociedade pautada pela racionalidade das relações, pode ser um grande facilitador no seu processo de aprendizagem e preparação para o exercício de sua cidadania. A sensibilidade abre as portas para o saber.

2.1. Relato de uma experiência

A seguir apresento o relato de uma experiência que considero bem sucedida como já mencionado anteriormente, e que inspirou na direção deste trabalho. Foi uma experiência carregada de sentidos que possibilitou, naquele momento, o diálogo da

educação com a vida social, costumes, crenças e conhecimentos dos alunos e suas famílias.

2.1.1. *Construindo um Relicário*

Trabalhando em uma escola de ensino médio em Ribeirão das Neves⁵, cidade da região metropolitana de Belo Horizonte, desde 2002, sempre tivemos contato com uma população desfavorecida e, em sua grande maioria, afrodescendente.

Como professora de História, a cultura dos africanos e afrodescendentes sempre permeou os conteúdos trabalhados, e, mais ainda, após a promulgação da lei 10.639, em 2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Em 2010, em conjunto com outros professores de História e de Artes, organizamos um Projeto para a Semana da Consciência Negra, que consistia de várias atividades, como a confecção e exposição de painéis étnicos, a confecção de trajes africanos para bonecas que também foram expostas, confecção de máscaras de origem africana, representações teatrais a partir de lendas africanas, apresentação de capoeira, entre outras atividades. O momento que considero mais marcante e que justifica este relato foi exatamente a construção e exposição de um relicário.

Depois de um esclarecimento sobre o sentido e significado de um relicário e uma roda de conversa sobre a temática da cultura africana, solicitamos aos alunos que trouxessem algum objeto familiar que considerassem como uma herança dessa cultura. Eles deveriam trazer os objetos, apresentar para a turma o sentido e a significância de cada um em sua casa ou seu grupo familiar. Em seguida, os objetos seriam expostos no ambiente escolar. Inicialmente, houve uma certa resistência, pois diziam não ter nada em casa que fosse relevante para ser exposto. Porém, à medida que a temática foi sendo trabalhada, e assuntos delicados como

⁵ Escola Estadual Cidade dos Meninos.

preconceito, racismo, discriminação e ações afirmativas foram apresentados e discutidos de forma clara e aberta, a resistência foi sendo quebrada e o sentimento de pertencimento foi transparecendo. Foram trazidos objetos bem variados, que foram apresentados à turma com sua carga simbólica e sentimental. Percebemos que o ponto mais polêmico e delicado era quando o objeto fazia referência à religiosidade, como por exemplo, os tambores e seus sons característicos dos rituais religiosos. Sentimos que nesse segmento o preconceito era ainda muito forte, e que se fazia urgente a necessidade de se trabalhar as culturas africanas, não como uma, mas em sua diversidade, principalmente sob o viés religioso, visto que este está presente em vários âmbitos da vida, não só no Brasil e nos países africanos, mas em diversas partes do mundo, como pano de fundo da maioria dos conflitos entre os povos.

Naquele momento, nós professores ficamos satisfeitos com o resultado do trabalho, mobilização e envolvimento dos alunos e não muito mais que isso. Hoje, após mais uma caminhada nos estudos sobre educação, considero que foi uma atividade que propiciou educação através do par experiência/sentido, o saber da experiência, que é único e particular, pois como nos lembra Larossa,

o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. (LAROSSA, 2002, p.27).

E assim, encorajada a trilhar novos caminhos, viver novas experiências e sugerir que outros educadores também vivam experiências igualmente prazerosas, dou sequência a este trabalho.

3. JANELA DO SENSÍVEL

As ideias foram ganhando forma e se concretizaram no produto que apresentamos a seguir. Foi uma construção cuidadosa, na qual cada detalhe foi pensado para que se fizesse leve e agradável, de modo que as informações fossem transmitidas de uma forma mais confortável, facilitando a leitura e com um toque de beleza e ludicidade.

Chegar a este resultado demandou escolhas nem sempre fáceis de se fazer. A opção por esse tipo de ferramenta se deu também por acreditar na coexistência do antigo com o moderno. Os suportes tradicionais de materiais auxiliares à prática cotidiana das escolas podem ser aliados e conviver com o virtual representado pelos arquivos digitais proporcionados pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação, cada vez mais disseminadas e acessíveis. Valorizar a concretude dos objetos nas propostas de exposições sem, contudo, desqualificar trabalhos que optam pela utilização de outros suportes que priorizam a imagem virtual, foi desafio contínuo.

Preocupamos em apresentar propostas viáveis e adaptáveis a todas as realidades escolares, independentes de faixa etária dentro da educação básica ou de recursos materiais da escola.

As sugestões temáticas são sempre acompanhadas de exemplos para uma reflexão teórica com os alunos, onde se pensou na contextualização da atividade, que pudesse aliar conteúdos trabalhados e vivências dos estudantes e comunidades.

Para a construção do produto que ora apresentamos, contamos com o conhecimento e trabalho de dois jovens que atuaram como profissionais autônomos que são Filipe André Vichiato Lima e Mateus Luís Sá Silva, cujo empenho e dedicação foram de extrema importância.

Buscamos fazer uma imagem de cada página do site, mas devemos considerar que a mudança do suporte textual bem como a limitação das cores leva a resultados e efeitos diferentes.

Uma apreciação completa pode ser feita no endereço eletrônico a seguir:

www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 1 - Página de abertura do site



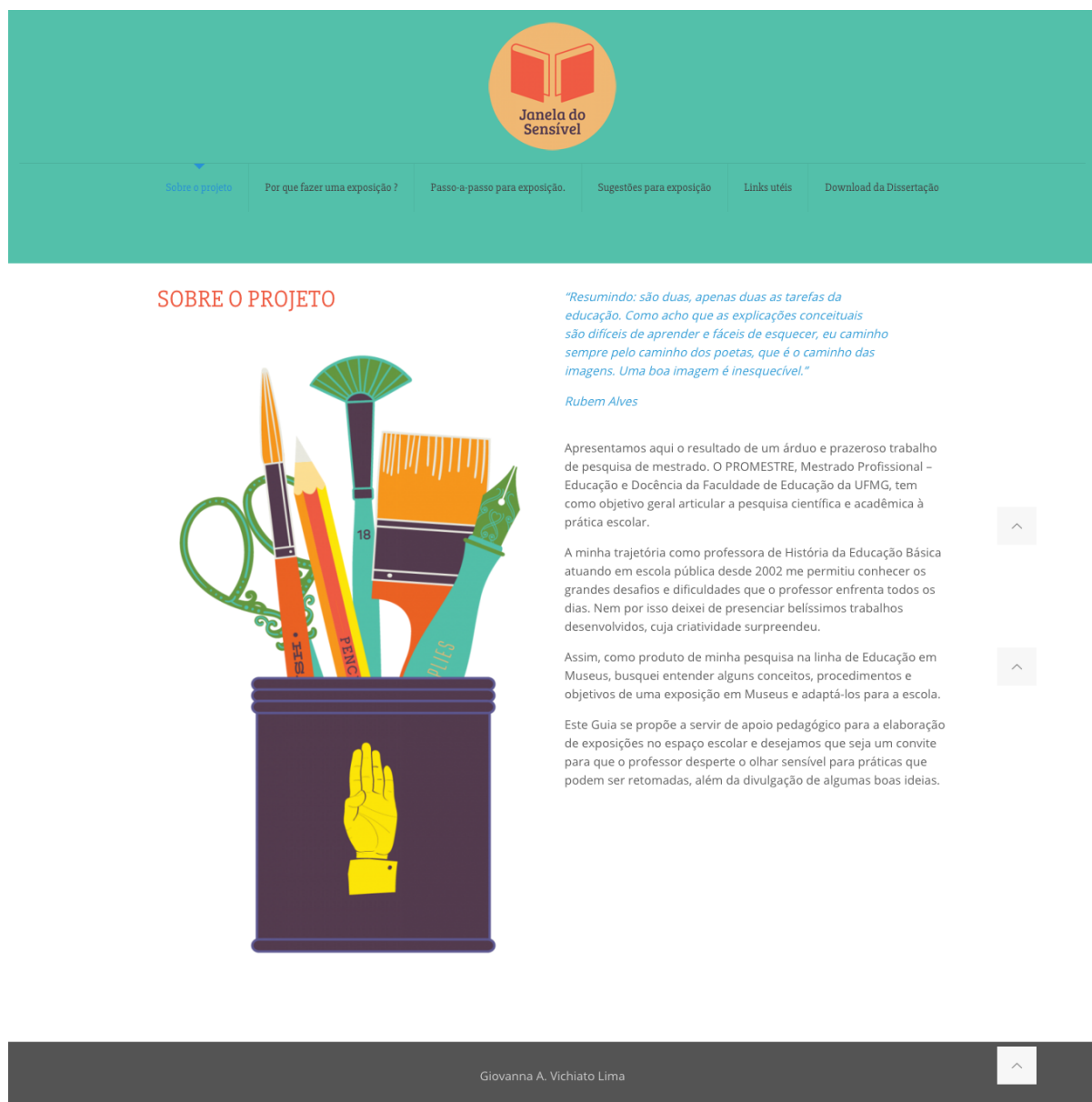
VOCÊ JÁ PENSOU EM MONTAR UMA EXPOSIÇÃO EM SUA ESCOLA?



Giovanna A. Vichiato Lima

Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 2 - Sobre o projeto



The screenshot displays the 'Janela do Sensível' website. At the top, there is a teal header with a circular logo containing an open book and the text 'Janela do Sensível'. Below the logo is a navigation menu with the following items: 'Sobre o projeto' (highlighted), 'Por que fazer uma exposição?', 'Passo-a-passo para exposição.', 'Sugestões para exposição', 'Links úteis', and 'Download da Dissertação'. The main content area features the title 'SOBRE O PROJETO' in red. To the left is an illustration of a purple pencil holder containing various art supplies: a pair of green scissors, a pencil, a yellow pencil, a paintbrush, and a fountain pen. A yellow hand is visible on the front of the holder. To the right of the illustration is a quote in blue: *"Resumindo: são duas, apenas duas as tarefas da educação. Como acho que as explicações conceituais são difíceis de aprender e fáceis de esquecer, eu caminho sempre pelo caminho dos poetas, que é o caminho das imagens. Uma boa imagem é inesquecível."* Below the quote is the name 'Rubem Alves'. The text continues: 'Apresentamos aqui o resultado de um árduo e prazeroso trabalho de pesquisa de mestrado. O PROMESTRE, Mestrado Profissional – Educação e Docência da Faculdade de Educação da UFMG, tem como objetivo geral articular a pesquisa científica e acadêmica à prática escolar.' This is followed by a paragraph: 'A minha trajetória como professora de História da Educação Básica atuando em escola pública desde 2002 me permitiu conhecer os grandes desafios e dificuldades que o professor enfrenta todos os dias. Nem por isso deixei de presenciar belíssimos trabalhos desenvolvidos, cuja criatividade surpreendeu.' The next paragraph states: 'Assim, como produto de minha pesquisa na linha de Educação em Museus, busquei entender alguns conceitos, procedimentos e objetivos de uma exposição em Museus e adaptá-los para a escola.' The final paragraph reads: 'Este Guia se propõe a servir de apoio pedagógico para a elaboração de exposições no espaço escolar e desejamos que seja um convite para que o professor desperte o olhar sensível para práticas que podem ser retomadas, além da divulgação de algumas boas ideias.' On the right side of the text, there are three small grey buttons with upward-pointing arrows. At the bottom of the page, there is a dark grey footer with the name 'Giovanna A. Vichiato Lima' and a small grey button with an upward-pointing arrow.

Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 3 - Porque fazer uma exposição



Janela do Sensível

Sobre o projeto
Por que fazer uma exposição?
Passo-a-passo para exposição.
Sugestões para exposição
Links úteis
Download da Dissertação

PORQUE FAZER UMA EXPOSIÇÃO


PARA INÍCIO DE CONVERSA

Os olhos são mais eficazes que os ouvidos para receber conhecimento. A psicologia já comprovou que esquecemos aquilo que ouvimos, recordamos um pouco mais aquilo que vemos e compreendemos aquilo que fazemos. Daí a sugestão de organizar exposições na escola em conjunto com os alunos.

A sugestão é que seja uma atividade diferente das tradicionais Feiras de Ciências com a espetacularização e frenesi característicos das mesmas. Uma exposição que possibilite um momento de experiências sensíveis para a comunidade escolar.

PORQUE EXPOSIÇÃO...

Porque é uma forma de comunicação que permite a construção do conhecimento pelo exercício dos sentidos. O toque que complementa o olhar, o som que 'abraça' o visitante, o cheiro que faz viajar na memória, além do prazer que os sabores podem causar. Tudo, respeitando-se tempos e espaços de percepção de cada um. Porque é a possibilidade de uma experiência educativa que relacione o conhecimento escolar com o saber que o aluno traz do meio em que vive.



QUAL O MELHOR ESPAÇO...

É aquele que você dispõe para o trabalho. Pode ser a sala de aula, o corredor, o pátio, a quadra, os muros, ou a escola inteira. O importante é planejar dentro das possibilidades (que existem ou que podem ser criadas), para que a atividade seja prazerosa para todos os envolvidos.

POR QUE PRIORIZAR OBJETOS...

Por que eles têm frequentado pouco a escola no sentido pedagógico. Vivemos cercados por imagens e ainda priorizamos imagens para ilustrar melhor a aula. Os objetos são mágicos, contam histórias, são impregnados de poesia. Precisamos aprender a ler os objetos, e, através deles, exercitar a leitura do mundo.



"Este é o verdadeiro conhecimento: não a informação em si, mas o conhecimento que, partindo da informação, elabora-se pela emoção e a transforma em vivência". (Scheiner, 2003).



E A FAIXA ETÁRIA...

É uma proposta para se trabalhar com alunos da Educação Básica, incluindo a Educação de Jovens e Adultos.

Você professor, deve estar atento às capacidades de seu grupo e fazer as adaptações que julgar necessárias. O importante é que o trabalho seja coletivo.

E OS CONTEÚDOS CURRICULARES...

Uma exposição pode ser uma atividade extracurricular ou dialogar com vários conteúdos. Um bom planejamento e uma vontade de transformação indicarão a melhor forma de organizar a atividade para a sua realidade. E os resultados serão muito satisfatórios.



LANÇAR A SEMENTE...

Comece falando de exposição. Quem já foi? Qual tipo? O que mais gostou? Se voltaria? Relembra alguma visita que a turma tenha feito se for o caso. Pergunte se alguém sabe como se faz uma exposição? Quais os profissionais envolvidos? Que cuidados devem ser tomados? Em seguida faça a proposta de construir uma exposição na escola e mãos à obra.

Giovanna A. Vichiato Lima

Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 4 – A poesia dos objetos



Janela do Sensível

Sobre o projeto
Por que fazer uma exposição?
A Poesia dos Objetos
Passo-a-passo para exposição.
Sugestões para exposição
Links úteis
Download da Dissertação



A POESIA DOS OBJETOS

Os objetos sobrevivem ao morto:
os sapatos,
o relógio,
os óculos
sobrevivem
ao corpo
e solitários restam
sem conforto.

Alguns deles, como os livros,
ficam com o destino torto.
Parecem filhos deserdados
ou folhas secas no horto.
As joias perdem o brilho
embora em outro rosto.

Não deveriam
deixar pelo mundo
espalhados
os objetos órfãos do morto,
pois eles são, na verdade, fragmentos
de um corpo.

Affonso Romano de Sant'anna

Aprendemos a pensar por meio dos objetos. De acordo com Paulo Freire, aprendemos a ler o mundo antes de ler a palavra. Os objetos estão presentes em todas as nossas atividades, cada um com sua função de uso, porém, pautados pelo descarte. Perderam o valor que possuíam.

Mas, isso não se aplica a todos. Guardamos uma quantidade de objetos apenas pelo que significam. Possuem uma história que pode ser revelada aos outros, assim como os objetos expostos nos museus.

Com que frequência o objeto visita a minha sala de aula?

Convidar um objeto para a aula pode ser um caminho para a compreensão do mundo que nos cerca. Permite o exercício do mais simples, do concreto para o mais complexo e abstrato.

Objeto como fragmento de uma sociedade, funciona como uma chave para desvendar conhecimentos sobre a mesma. Exploramos sua forma, o material com o qual foi feito, quem fez, que ferramentas usou, os sentidos dos detalhes como pintura, marcas e símbolos, quem usou, por quanto tempo, como se usou.

Assim, buscamos a história do objeto, bem como a história que pode ser contada pelo objeto.

Exercitar o ato de ler os objetos e captar a poesia contida nos mesmos, pode nos levar a uma reconfiguração dos sentidos e um novo olhar para o mundo que vivemos.



Giovanna A. Vichiato Lima

Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 5 - Passo a passo para montar uma exposição



Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 6 - Texto introdutório do passo a passo

PASSO-A-PASSO PARA MONTAR UMA EXPOSIÇÃO

Professor,

Apresentamos agora um passo-a-passo para construir exposições na escola. É importante aproveitar todos os momentos da construção coletiva da exposição como momentos de aprendizagem, de desenvolvimento humano e despertar de habilidades diversas, de reflexão coletiva, de contemplação, de reconhecimento identitário. A exposição é a ponta do iceberg, é a parte visível de todo um fazer pedagógico.

Veja o infográfico abaixo.



Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

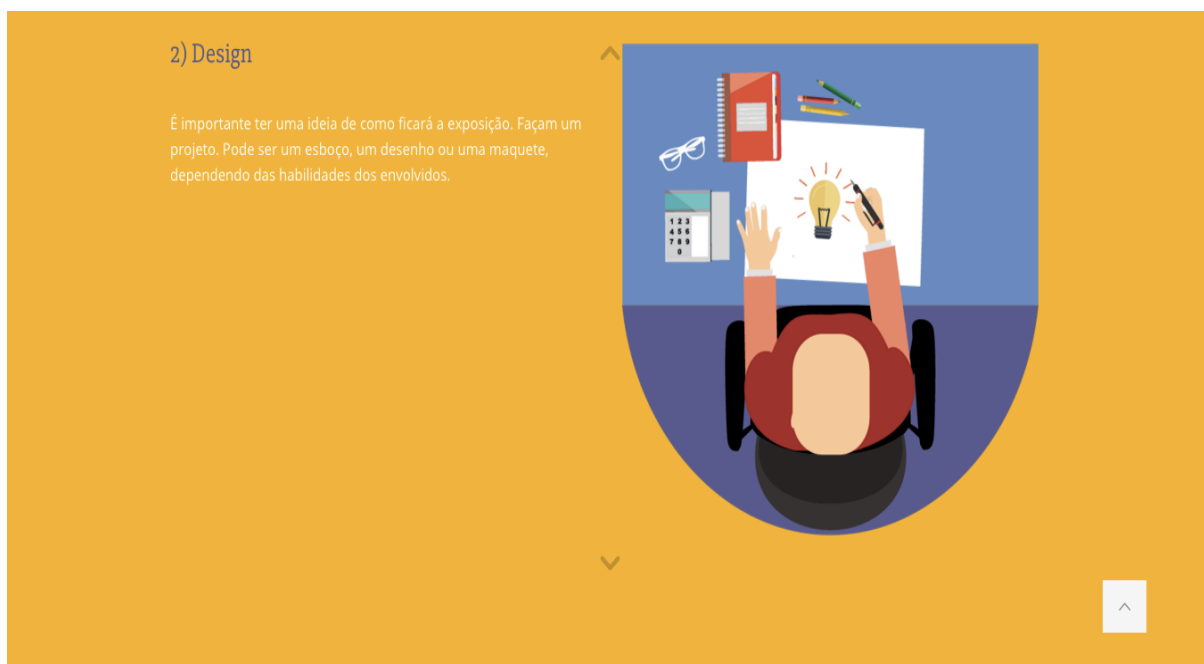
FIGURA 7 - Passo 1

1) **Planejando juntos.**

- > 1.1 Escolhendo o Tema: A nossa exposição é sobre...
- 1.2 Vamos pesquisar: Onde? Sites, blogs, livros, revistas, entrevistas, etc
- 1.3 O que vamos expor: objetos, fotografias, experimentos, vídeos, imagens, espécies vivos, etc
- 1.4 Onde vamos expor: na sala, no corredor, no pátio, na quadra, no muro, na cantina, na escola toda.
- 1.5 O que eu vou fazer: vamos dividir as equipes de trabalho.
- 1.6 Quando será nossa exposição: escolha da data e duração

Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 8 - Passo 2



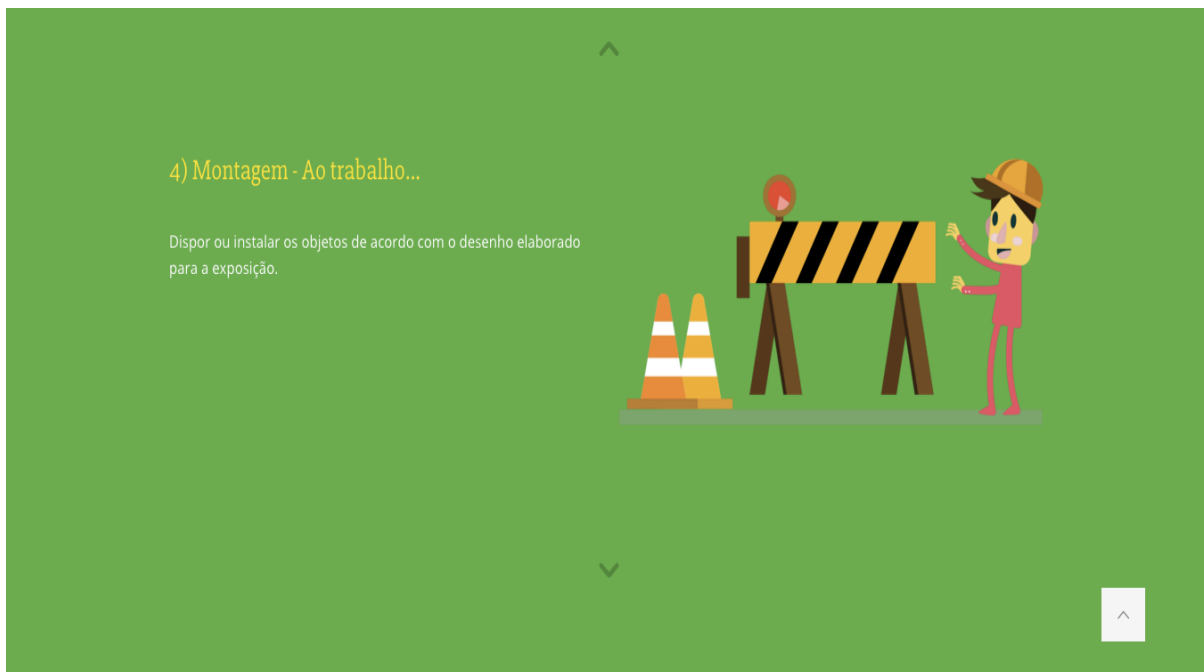
Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 9 - Passo 3



Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 10 - Passo 4



Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 11 - Passo 5



Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 12 - Passo 6



Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 13 - Passo 7



Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 14 – Orientações gerais para exposições

The image shows a screenshot of the 'Janela do Sensível' website. At the top, there is a teal header with a logo of an open book and the text 'Janela do Sensível'. Below the header is a navigation bar with several tabs: 'Sobre o projeto', 'Por que fazer uma exposição?', 'A Poética dos Objetos', 'Passo-a-passo para exposição.', 'Sugestões para exposição' (highlighted in blue), 'Links úteis', and 'Download da Dissertação'. Below the navigation bar, there is a section titled 'SUGESTÕES PARA EXPOSIÇÕES' with a grid of tabs numbered 1 to 9. Tab 1, '1 - Orientações Gerais', is selected and expanded. The content of this tab includes a greeting to the professor, a list of reminders, and a list of guidelines for organizing an exhibition. To the right of the text are several colorful illustrations of art supplies: a yellow ruler, a green pencil, a blue fountain pen, a yellow pencil sharpener, and a watercolor palette with various colored dots.

Janela do Sensível

Sobre o projeto | Por que fazer uma exposição? | A Poética dos Objetos | Passo-a-passo para exposição. | **Sugestões para exposição** | Links úteis | Download da Dissertação

SUGESTÕES PARA EXPOSIÇÕES

1 - Orientações Gerais | 2 - Os Sentidos | 3 - Relicário | 4 - Grafite (Arte ou Vandalismo ?) | 5 Objeto de Ofícios | 6 -Objetos Queridos | 7 -Objetos de Medidas | 8 -Objetos de Fé | 9 - História da Escola

1 – Orientações Gerais

Caro professor,

seguem alguns lembretes e orientações para que vocês brilhem com a exposição.

- É importante o engajamento de todos, valorizando as aptidões e habilidades de cada um;
- Faça uma estimativa do tempo de preparo e distribua as atividades para não sobrecarregar os momentos que aproximam do evento;
- Atenção para o calendário da escola para que a exposição não coincida com outra atividade, como semana de provas;
- Cuidado com a espetacularização. Priorize o cuidado estético, a amarração de sentidos, o bom senso.
- Não esqueça de dar um título para a exposição;
- Divulgue a exposição. Espalhe cartazes, distribua folhetos, passem de sala em sala.
- Atenção para as legendas: não façam textos muito longos, não usem termos técnicos e verifiquem se a altura em que serão colocadas estão de acordo com o público esperado.
- O cuidado com os objetos emprestados deve ser especial. Se necessário coloque uma etiqueta de identificação para que não sejam confundidos.
- Valorize os espaços em branco e se preocupe com a circulação dos visitantes.
- Atenção para as exposições sonoras de modo que um não interfira na fruição do outro.
- Se forem expor espécimes vivos, lembrem dos cuidados para evitar sofrimento das mesmas.
- Atenção para a iluminação e temperatura do evento. Uma boa fruição requer um ambiente aconchegante e agradável.
- Registre o fazer e o evento em fotografias e filmagens como possibilidade de uma futura mostra virtual, mas cuide para que excesso de fotografias não atrapalhe o objetivo de uma experiência sensível.

Giovanna A. Vichiato Lima

Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 15 – Trilha dos sentidos



Janela do Sensível

Sobre o projeto
Por que fazer uma exposição?
A Poética dos Objetos
Passo-a-passo para exposição
Sugestões para exposição
Links úteis
Download da Dissertação

SUGESTÕES PARA EXPOSIÇÕES

1 - Orientações Gerais	2 - Os Sentidos	3 - Relicário	4 - Grafite (Arte ou Vandalismo?)	5 Objeto de Ofícios	6 -Objetos Queridos	7 -Objetos de Medidas
8 -Objetos de Fé	9 - História da Escola					

2- Trilha dos Sentidos.







Montagem de uma trilha sensorial onde o visitante possa experimentar os sentidos de uma forma criativa e divertida.

- Prepare o espaço expositivo com uma entrada decorada com imagens que lembrem os sentidos, mas que não possibilite visualizar o interior da exposição. O ideal é que o restante do espaço seja separado por algo que bloqueie a visão, mas que aguce a curiosidade. Uma cortina preta pode ser suficiente. Se for possível, apresente um vídeo curto com imagens agradáveis de relações de pessoas com a natureza e com tradições do lugar. Nessa antessala as pessoas devem tirar os sapatos e colocar uma venda nos olhos. Um aluno deve acompanhar o visitante durante todo o percurso.
- Disponha no chão (pode ser em tampas de caixas de papelão) materiais de texturas diferentes como brita, cascalho, areia, terra, grama, serragem, folhas secas, espuma, lixa, tapete, etc). O visitante deve caminhar sobre os materiais.
- Ainda ao longo dessa trilha, pendure à altura do rosto do visitante, (tomando o cuidado de deixar espaços entre eles e de alternar os lados para a identificação dos aromas) lenços embebidos em infusões de aromas familiares como café, canela, gengibre, erva cidreira, perfume floral, desinfetante de pinho ou eucalipto. Enquanto auxilia o visitante, o aluno pede a ele para identificar em que está pisando e se está percebendo algum outro sentido sendo despertado.
- Ofereça um momento de degustação. Prepare um espaço para que o visitante se sente e ofereça alimentos para a identificação de sabores e texturas diversos como gotas de limão, goiabada, pipoca salgada, farinha de mandioca, algum preparado com jiló (ou outro alimento amargo). Essa seção requer cuidados especiais. Ofereça os alimentos em talheres descartáveis, em pequenas quantidades e ofereça um guardanapo, para o caso de o visitante não conseguir degustar algum dos alimentos.

A partir daqui, o visitante poderá tirar a venda dos olhos, pois é uma condição não muito confortável e deve durar pouco tempo.



Um pouco mais sobre a temática...

A excessiva racionalidade da vida moderna, estritamente utilitária, foi criando espaços urbanos inóspitos, ameaçadores, pouco acolhedores que não nos proporciona o uso de nossos sentidos de uma maneira mais profunda.

É preciso despertar e treinar a sensibilidade, a atuação dos sentidos na vida que se vive, recuperar uma determinada forma de aproximação às coisas do mundo físico. Vivemos na sociedade do espetáculo e nosso sentido de ver tem sido estimulado de forma maciça com a quantidade de imagens que chegam até nós a todo momento. Essa estimulação visual, porém, não desenvolve verdadeiramente o nosso olhar, mas nos condiciona para uma restrita percepção do mundo em que vivemos. Percepção esta que também não se completa pelo toque, continuando o conhecimento iniciado pelo olhar. Nós nos afastamos das texturas naturais, visto que a maioria dos objetos manipulados no nosso cotidiano são artefatos confeccionados a partir de algum tipo de plástico. São desse material a grande maioria dos brinquedos das crianças, por oferecerem menos risco de se machucarem e se custar inferior.

O caminhar se tornou uma ação mecânica para nos deslocarmos de um ponto a outro, quando essa distância não pode ser vencida com o auxílio de algum meio de transporte mecanizado. As caminhadas como atividade física, em geral, são em um ritmo acelerado, acompanhadas de fones de ouvido e olhares apressados. Não são passeios. As crianças, os passeios também foram reduzidos às áreas dos condomínios, limitados a pouco espaço e tempo e sempre protegidas por roupas e sapatos para se evitarem possíveis doenças. Exercitamos pouco os nossos sentidos com sons, cores, odores e texturas da natureza, pois o caminhar tem sempre um sentido utilitarista.

Boa parte de nossas lembranças são olfativas. Há cheiros específicos em nossa memória da infância, da escola, do livro novo, das férias na casa da avó. A vida moderna, com toda a poluição, odores característicos dos espaços urbanos e nosso distanciamento da natureza vem nos privando do prazer de odores que nos são agradáveis.

O ato de comer também acompanha a racionalidade moderna e vem se tornando um ato desprovido de prazer sensível. As refeições rápidas, industrializadas, cujo objetivo é apenas nos reabastecer de energia, com seus temperos artificiais, aditivos químicos para funções diversas, nos levou a uma deseducação do paladar.

Ao proporcionarmos uma experiência como esta proposta, esperamos que desperte prazeres sensíveis, emoções e recordações. A sugestão é criar uma trilha sensorial, onde o visitante possa experimentar os sentidos de uma forma criativa e divertida.

Giovanna A. Vichiato Lima

Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 16 - Montando um relicário



Janela do Sensível

Sobre o projetoPor que fazer uma exposição ?A Poética dos ObjetosPasso-a-passo para exposição.Sugestões para exposiçãoLinks úteisDownload da Dissertação

SUGESTÕES PARA EXPOSIÇÕES

1 - Orientações Gerais2 - Os Sentidos3 - Relicário4 - Grafite (Arte ou Vandalismo ?)5 Objeto de Ofícios6 -Objetos Queridos7 -Objetos de Medidas

8 -Objetos de Fé9 - História da Escola

3 – Montando um Relicário

- Solicitar aos alunos que tragam para exposição algum objeto familiar que considerem uma herança da cultura africana. Pode ser uma estatueta, um instrumento musical, uma máscara, uma peça de roupa, colares e adereços para os cabelos, imagens religiosas, velas coloridas, entre outros.
- Os estudantes devem apresentar os objetos para a turma dizendo da importância do mesmo na família.
- Montem a exposição.
- Para enriquecer o momento da exposição, programe horários definidos para a visita e combine com os alunos para que tenha sempre alguém lendo um poema ou conto africano, ou ainda, fazendo pequenas encenações de lendas africanas. Será enriquecedor.



Um pouco mais sobre a temática...

Falar de relíquia, sem a conotação religiosa, é falar de coisa preciosa, mais ou menos antiga, à qual se dedica grande estima. A proposta é a montagem de um relicário com foco cultural. Valorizar a herança cultural africana.

A história dos povos de origem africana ainda não se faz presente como deveria nas escolas, apesar de a Lei 10639 de 2003 tornar esse estudo obrigatório. Essa atividade permite trazer à tona a discussão mais uma vez e contribuir para a quebra dos preconceitos que ainda são muito presentes na sociedade.

Com uma cultura riquíssima advinda da grande diversidade de povos que foram trazidos para o Brasil, vários aspectos podem ser lembrados como herança. Vejam quais são os mais presentes na sua comunidade. Algumas questões que podem ser abordadas são aquelas que se referem ao movimento de valorização dos padrões de beleza negra, com seus estilos de se pentear, de se vestir, de elegância. Sobre as artes e os saberes da culinária, da medicina natural, da fabricação de utensílios.

Dentro da herança africana, o ponto que ainda é o maior alvo de preconceito religioso que está muito vinculada a ritmos e instrumentos musicais. Esse termo não pode deixar de ser abordado.

Para saber um pouco mais da cultura e conhecer algumas lendas, sugerimos consultar a página de links úteis.

Giovanna A. Vichiato Lima



Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 17 – Grafite: Arte ou Vandalismo



Janela do Sensível

Sobre o projeto | Por que fazer uma exposição ? | A Poética dos Objetos | Passo-a-passo para exposição. | Sugestões para exposição | Links úteis | Download da Dissertação

SUGESTÕES PARA EXPOSIÇÕES

1 - Orientações Gerais

2 - Os Sentidos

3 - Relicário

4 - Grafite (Arte ou Vandalismo ?)

5 Objeto de Ofícios

6-Objetos Queridos

7 -Objetos de Medidas

8 -Objetos de Fé

9 - História da Escola

4 – Grafite : Arte ou Vandalismo

1. Pesquisando...: a origem, principais artistas no mundo, no Brasil, na minha região.
2. Trabalho de campo: ...fotografando os grafites da cidade.
3. Aprendendo a fazer: viabilizar uma oficina de grafite na escola. Se possível, contratar algum artista da comunidade.
4. O fazer: onde podemos exercitar o que aprendemos? As lixeiras do pátio ou das salas? As portas das salas de aula? Uma parede? O muro interno ou externo?
5. Confeccionar painéis, tipo banner, com o resultado da pesquisa para ficarem expostos.
6. Construir um painel Interativo: Minha escola seria mais legal se... (com espaços para os alunos completarem a frase)





Um pouco mais sobre a temática...

O que atrai o olhar do meu aluno? O que faz parte da sua vida e que nem sempre é valorizado na escola? Quais os signos que compõe o seu espaço e com os quais ele se identifica? Quais os diálogos possíveis? Pensando nessas questões surge a proposta de se trabalhar com o Grafite. Nesta proposta, poderão estar envolvidos os professores das disciplinas de Arte, História, Geografia e Português.

O objetivo principal é investigar a relação dessa arte com o urbano contemporâneo, o seu encontro com a cidade e os possíveis diálogos estabelecidos. O grafite é um escrito ou desenho artístico, feito sobre rocha, paredes, monumentos, com tinta spray e outras, no espaço público, sem proprietário ou vigilância. Carrega consigo uma identidade marcante, definida pela sua origem histórica, que questiona a arte. Sua valorização e suas apresentações tradicionais se impõem como uma nova proposta, de comunicação e expressão que registra mensagens políticas, de sentimentos e anúncios publicitários, favorecendo a construção de novas subjetividades e afirmação dos artistas enquanto sujeitos sociais.

O grafite se tornou uma nova forma de comunicação e arte em diferentes contextos como a expressão da cidadania, pois conecta os cidadãos e dá voz a sujeitos sociais que querem expressar suas percepções, seus novos significados, tensões e mudanças. Fazem dos espaços da cidade, verdadeiras vitrines em relação ao mundo em que vivem. Os artistas percebem a cidade como espaço público e democrático para exposição da sua arte. É uma arte comprometida historicamente com a denúncia social e com o desejo de livre expressão. Recentemente tem conquistado espaços públicos como o Museu Aberto de Arte Urbana em São Paulo, os viadutos de Belo Horizonte, cujas obras são realizadas com autorização, através de editais públicos.

É interessante ressaltar, que, em geral, os artistas não assinam suas obras, visto ser considerada uma linguagem marginal, transgressora, seus autores serem perseguidos e quando pegos em flagrantes, serem presos e autuados. Existe, entre eles um código de ética onde o trabalho de um é respeitado por todos, e os trabalhos não são sobrepostos e nem reaproveitados, todavia, os trabalhos coletivos já vêm ganhando espaço. Mesmo sem assinar, os artistas são reconhecidos por suas preferências e técnicas.

Entendemos como uma boa oportunidade para se discutir respeito, diversidade, preconceito e desenvolver habilidades.




Giovanna A. Vichiato Lima



Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 18 – Objetos de Ofício



Janela do Sensível

Sobre o projeto
Por que fazer uma exposição ?
A Poética dos Objetos
Passo-a-passo para exposição.
Sugestões para exposição
Links úteis
Download da Dissertação

SUGESTÕES PARA EXPOSIÇÕES

1 - Orientações Gerais

2 - Os Sentidos

3 - Relicário

4 - Grafite (Arte ou Vandalismo ?)

5 Objeto de Ofícios

6 -Objetos Queridos

7 -Objetos de Medidas


8 -Objetos de Fé

9 - História da Escola

5 – Objetos de ofício

Vamos falar do trabalho. Os alunos devem trazer para a exposição.

1. Objetos que colaboram no sustento da família.
2. Objetos que resistiram ao avanço tecnológico.
3. Objetos que só servem à memória.
4. Objetos de profissões de homem?
5. Objetos de profissões de mulher?



Um pouco mais sobre a temática...

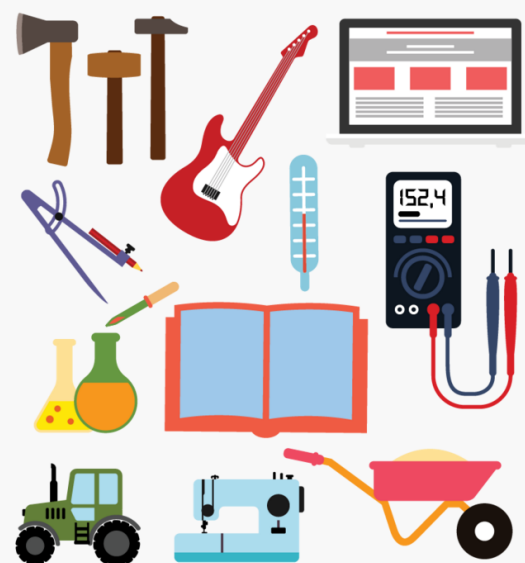
Professor, a proposta traz uma possibilidade de discussão e valorização de todas as profissões, bem como a importância que os saberes dos ofícios tiveram e ainda têm para a sobrevivência humana.

Se configura como um momento de reflexão sobre o respeito necessário aos ofícios e a seus profissionais, representados na exposição pelos objetos. E também uma oportunidade para se discutir as relações de gênero quando se propõe o questionamento: existem profissões exclusivamente de homem e de mulher?

Como se configura a tradição e a inovação nas profissões abordadas? Alguns objetos resistiram ao avanço tecnológico? Outros só servem para a lembrança de ofícios que foram extintos na vida contemporânea. Promover uma leitura sensível dos objetos em sua dimensão material e simbólica será uma ótima experiência.

Pensar a sociedade do consumo e do descarte a partir do material de fabricação dos objetos- higiene, proteção à saúde, facilidade, reutilização, reciclagem


Cabe ainda uma pesquisa e reflexão sobre a existência do trabalho infantil na comunidade.



Giovanna A. Vichiato Lima

Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 19 - Objetos Queridos



Janela do Sensível

[Sobre o projeto](#) | [Por que fazer uma exposição ?](#) | [A Poética dos Objetos](#) | [Passo-a-passo para exposição.](#) | [Sugestões para exposição](#) | [Links úteis](#) | [Download da Dissertação](#)

SUGESTÕES PARA EXPOSIÇÕES


1 - Orientações Gerais2 - Os Sentidos3 - Relicário4 - Grafite (Arte ou Vandalismo ?)5 Objeto de Ofícios6 -Objetos Queridos7 -Objetos de Medidas

8 -Objetos de Fé9 - História da Escola

6 – Objetos Queridos

Eternizar os objetos queridos em uma obra para ser exposta.

1. Solicitar aos alunos que tragam aqueles pequenos objetos que guardam lembranças como:
 1. objetos do meu passado
 2. objetos presentes de pessoas ausentes
 3. objetos souvenirs de viagens
 4. objetos que me identificam
2. Promover uma oficina de assemblages
3. Montar uma exposição com as peças produzidas.




Um pouco mais sobre a temática...





A proposta é discutir sobre a importância da memória em nossas vidas. Guardamos objetos que não 'servem para nada', não possuem valor de uso. Servem, porém, para nos trazer lembranças de pessoas, de locais, de tempos idos. Trazem um pouco do que somos. São nossos amuletos, dão sentido à nossa vida.

Assim também são os Museus que guardam as memórias de uma sociedade. A sugestão é levar a discussão para a importância do patrimônio histórico cultural, bem com Museus e objetos que esse guarda.


Assemblages são colagens com objetos e materiais tridimensionais, onde todo e qualquer material pode ser incorporado à obra de arte. Um trabalho interdisciplinar junto o professor de arte é o ideal. Mostrar imagens vai ajudar a esclarecer a proposta.

Na seção links úteis encontram-se endereços onde encontrar várias imagens.



Giovanna A. Vichiato Lima



Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 20 - Objetos de medida



Janela do Sensível

[Sobre o projeto](#) | [Por que fazer uma exposição?](#) | [A Poética dos Objetos](#) | [Passo a passo para exposição](#) | [Sugestões para exposição](#) | [Links úteis](#) | [Download da Dissertação](#)

SUGESTÕES PARA EXPOSIÇÕES

1 - Orientações Gerais
2 - Os Sentidos
3 - Relicário
4 - Grafite (Arte ou Vandalismo?)
5 Objeto de Oficinas
6 -Objetos Queridos
7 -Objetos de Medidas

8 -Objetos de Fé
9 - História da Escola

7 – Objetos de medida

Medimos o concreto: 1 quilo de arroz, 2 litros de refrigerante, 0,5 metro de cetim e medimos também o abstrato: 2 horas e quarenta e cinco minutos, 1 ano, 70 decibéis.

- objetos de medida usados por profissionais da família
- objetos de medida em desuso
- objetos de medida de diferentes culturas
- objetos que usam o corpo como medida padrão
- Objetos para medir o que não vemos
- O que não podemos medir – aproveite para estimular a sensibilidade e valorizar as relações afetivas.
- Desafios – uma maneira de tornar o evento mais lúdico, seria apresentar desafios matemáticos envolvendo medidas ao final da exposição.



Um pouco mais sobre a temática...

Trabalhar com instrumentos de medida já é prática comum entre os professores de matemática. A proposta é a possibilidade de um trabalho interdisciplinar com um novo foco para esses objetos que fazem parte do cotidiano dos alunos.

No momento em que orientamos as pesquisas para segmentos específicos, abrimos possibilidades para um novo olhar sobre o objeto e sobre quem o manuseia. Trazer os objetos de trabalho de familiares, é uma forma de valorizar igualmente todas as profissões, podendo se desdobrar nos avanços técnicos delas, quando contemplamos os objetos em desuso.

Outro aspecto é a valorização do saber de algumas culturas, que mesmo estando em desuso, criaram padrões próprios.

Quando falamos do corpo como medida, podemos nos remeter à época em que se utilizavam partes do corpo como padrões de medida (polegada, pés, jardas, braças, etc), bem como sobre o padrão de medidas para os corpos considerados perfeitos na atualidade – a ditadura da beleza.

As medidas não devem ser vistas apenas como um conteúdo escolar da matemática. A escola deve ajudar a perceber o quanto usamos as medidas no dia a dia, e como esse uso vem se ampliando e se modernizando através das inovações tecnológicas.

Em um único objeto, o celular, podemos ter vários aparelhos de medida instalando aplicativos, como relógio, calendário, medidor de pressão arterial, de altura, de distância, contador de passos, de intensidade de som, de temperatura, entre outros.

Bom trabalho e boa experiência.



Giovanna A. Vichiato Lima

FIGURA 21 - Objetos de fé



Janela do Sensível

[Sobre o projeto](#) | [Por que fazer uma exposição?](#) | [A Política dos Objetos](#) | [Passo-a-passo para exposição](#) | [Sugestões para exposições](#) | [Links úteis](#) | [Download da Dissertação](#)

SUGESTÕES PARA EXPOSIÇÕES

1 - Orientações Gerais	2 - Os Sentidos	3 - Relicário	4 - Grafite (Arte ou Vandalismo?)	5 Objeto de Ofícios	6 -Objetos Queridos	7 -Objetos de Medidas
8 -Objetos de Fé	9 - História da Escola					

8 – Objetos de Fé

Objetos que ligam o mundo visível ao invisível.

1. Inicie uma conversa sobre religião. Estimule a participação.
2. Pesquise sobre as religiões praticadas no Brasil e sua influência na diversidade cultural do país.
3. Proponha uma exposição com objetos de fé que existam nas casas dos alunos ou de pessoas próximas. Esclareça que não precisa ser de uma religião praticada pela família. Pode ser um objeto decorativo, uma lembrança de alguma viagem ou de algum antepassado.
4. Os alunos devem apresentar os objetos para a turma e fazer uma pequena legenda sobre ele.
5. Montem a exposição tomando o cuidado de não dar destaque para nenhuma religião. É importante contemplar o maior número de religiões possíveis, mesmo que não tenha nenhum praticante na sala.

Professor, o objetivo da atividade é a promoção do diálogo, do respeito à diversidade, e a busca da tolerância, principalmente no que diz respeito às religiões de matriz africana.




Um pouco mais sobre a temática...

No Brasil é costume dizer que religião e futebol não se discute. É mais cômodo não trazermos a temática para discussão e fingir que não estamos vendo a situação de preconceito, discriminação e violência, tendo a religião como motivação. A questão religiosa permeia a formação da cultura brasileira desde suas origens, e declarar o Estado como laico a partir da República, não mudou a cultura do povo brasileiro, que continua professando uma grande diversidade de crenças, e é inevitável que essa temática chegue à escola com toda carga de conflitos que a acompanha.

A obrigatoriedade, proibição ou permissão de aulas de religião nas escolas foi discutida e alterações na legislação pertinente ao longo do século XX e ainda sendo neste início do século XXI. A redação da LDBEN, em seu artigo 33, alterado pela Lei 9475 de 22 de julho de 1997, figura da seguinte forma:

Art.33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso. (Brasil, 1997).

Não vamos aqui, estabelecer uma discussão entre os estudiosos da temática que se dizem contra ou a favor, pois entendemos que não é coisa simples e não constitui nosso foco de trabalho. O que pretendemos com esta sugestão é argumentar quanto a necessidade de se trabalhar o respeito pelo outro com toda a sua diversidade cultural. Não importa se a escola possui a disciplina de Ensino Religioso em sua grade. Os sujeitos envolvidos no processo educacional são dotados de liberdade para professarem suas crenças, como por exemplo, nossa Carta Magna. O que é preciso ressaltar (e garantir) é que a escola não pode ser palco para militância religiosa e nem para manifestações de intolerância.

Temas polêmicos podem surgir como por exemplo, os relativos às questões de gênero, que confrontam fundamentos religiosos e direitos humanos. O professor deve estar preparado para conduzir com muito cuidado, garantindo o respeito, a liberdade e a tolerância, sem, contudo, ignorar que terá que lidar com o radicalismo de algumas culturas.

Giovanna A. Vichiato Lima

FIGURA 22 – História da escola



Janela do Sensível

Sobre o projeto
Por que fazer uma exposição?
A Poética dos Objetos
Passo a passo para exposição
Registros para registro
Links úteis
Download da Dissertação

SUGESTÕES PARA EXPOSIÇÕES

1 - Orientações Gerais
2 - Os Sentidos
3 - Relicário
4 - Grafite (Arte ou Vandalismo?)
5 Objeto de Ofícios
6 -Objetos Queridos
7 -Objetos de Medidas

8 -Objetos de Fé
9 - História da Escola

9 – Contando a História da Escola

Construindo o perfil da escola: pública ou privada, ensino infantil, fundamental ou médio, número de colaboradores (funcionários e professores) e de alunos. Documentação oficial: cópias do decreto de fundação ou autorização de funcionamento.

Minha escola tem este nome porque...: resgate a motivação do nome. Mostrar a organização do espaço físico: plantas arquitetônicas, desenhos da fachada, fotografias, maquetes. A escola passou por reformas? Inclua antes e depois. Hoje os diretores são... e no passado: construa uma galeria com nomes e/ou fotos de ex-diretores. O que simboliza a nossa escola: possui uma logomarca, emblema, bandeira, hino. São os mesmos desde a fundação? O uniforme hoje é mais bonito? Resgatem os modelos anteriores para uma comparação.

Memória de ex-alunos - no meu tempo o que eu mais gostava era...: priorize ex-alunos que tenham alguma relação com a escola atualmente (professores, funcionários, pais de alunos).

A tristeza marcou nossa escola quando... alguma trajetória de vida foi interrompida enquanto fazia parte de nossa escola? Cabe uma homenagem?

Nossa escola acolhe os diferentes dessa forma...: possui aluno de inclusão, acessibilidade?

Gostamos de festejar...: quais as principais festas e comemorações? Ajudamos o outro quando: a escola é envolvida em projetos sociais e assistenciais?

Nos destacamos em...: premiação em concursos, olimpíadas ou campeonatos. Exponha troféus, medalhas. Professor, seguindo as dicas dos Passos para a Montagem de Exposição e estas sugestões vocês farão um belo trabalho. Aqui vocês poderão expor documentos, fotografias, vídeos, áudios, objetos, cartazes, roupas entre outros, de acordo com os recursos disponíveis. É uma ótima oportunidade de se construir uma boa relação de pertencimento e identidade com a escola e trabalhar valores como os relacionados a seguir. Mas o mais importante será a experiência afetiva que esta atividade pode proporcionar.



Um pouco mais sobre a temática...

Resgatar a história da instituição onde se estuda pode ser um desafio a ser colocado aos alunos. O mergulho no interior da escola, o contato com todos os sujeitos em uma nova perspectiva seria capaz de mudar o sentimento de pertencimento destes e buscar o envolvimento dos demais segmentos da comunidade escolar. Durante a realização da atividade temas como a importância da hierarquia na organização e funcionamento da sociedade, dos registros e documentos oficiais, bem como da legislação podem ser trabalhados. A indumentária sempre diz muito sobre uma sociedade e o uniforme é alvo de muitas controvérsias no ambiente escolar. Da mesma forma que ele promove a "igualdade" entre os alunos, não possibilitando uma distinção de classe social em função das grifes usadas, ele também dificulta a manifestação da identidade do sujeito através de suas roupas e acessórios. Assim a pesquisa deve buscar os modelos de uniforme do tempo da escola, bem como os avanços e/ou retrocessos na permissão de uso de acessórios como bonés, calçados, brincos, maquiagem, estilos de cabelo, etc.

Esse momento pode servir para uma escuta de reivindicações dos alunos, e até para a construção de novos acordos. A escola sempre proporciona experiências nos sujeitos que passam por ela, e resgatar experiências vividas na escola e como essas serviram de incentivo para trajetórias posteriores pode servir de incentivo à turma. Esta busca pode começar dentro da própria escola, caso exista algum professor ou funcionário ex-aluno. Em seguida, pode-se buscar nas famílias. É comum, nas escolas mais antigas, pais que foram ex-alunos, e uma entrevista com os mesmos pode ser muito rica, além de integrar a comunidade escolar.

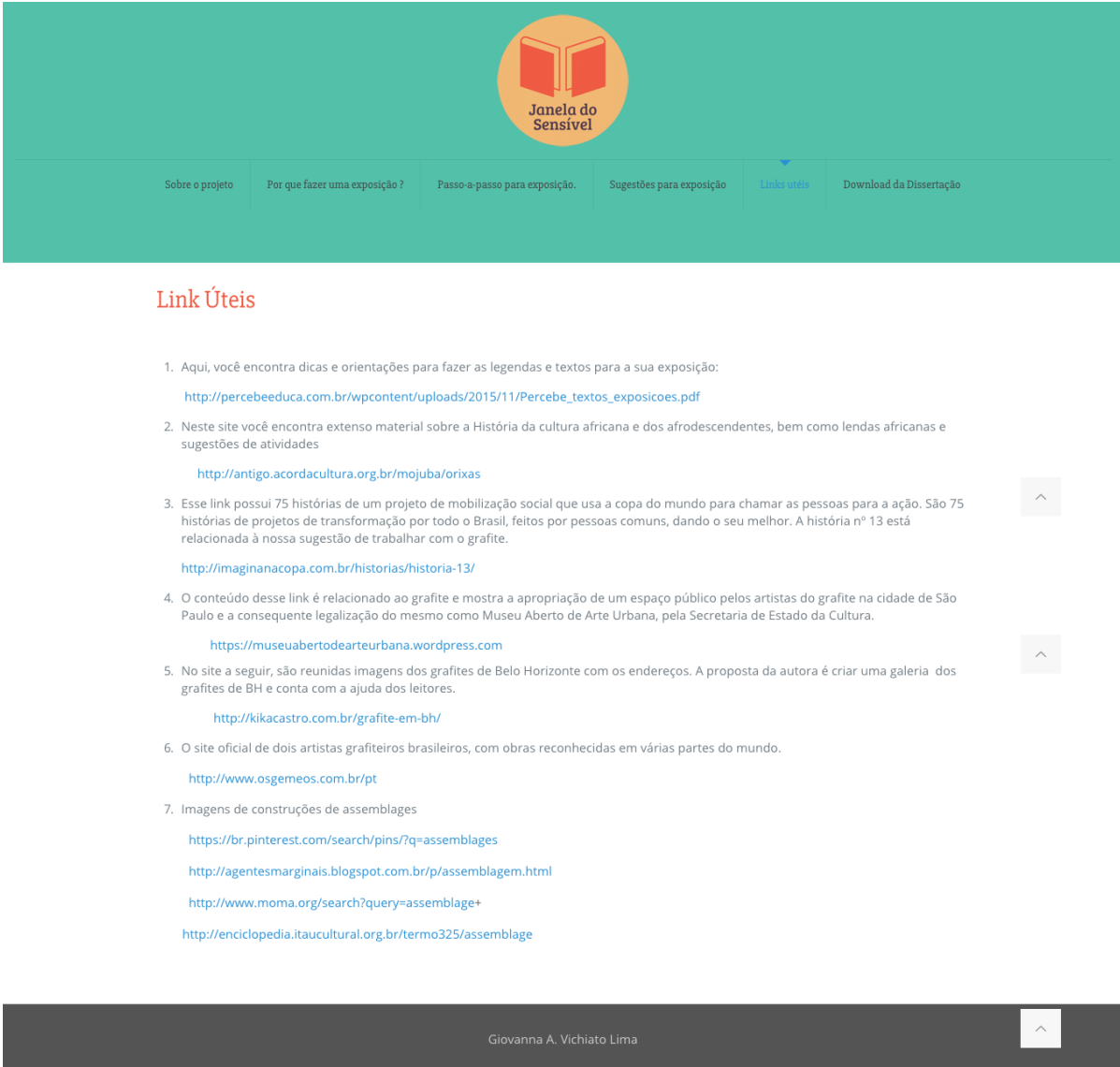
A busca pode prosseguir pelas redes sociais, ferramentas que os alunos dominam muito bem. O registro pode se dar através de entrevistas elaboradas e filmadas pelos próprios alunos, ou ainda, através de convite para rodas de conversa com al(s) turma(s) na própria escola. Trazer à tona sujeitos que tiveram a vida interrompida durante sua passagem pela escola é ressignificar o passado, transformando a memória em patrimônio. Dar o nome deste sujeito a algum dos espaços escolares é a efetivação do patrimônio além de ser uma homenagem cheia de sensibilidade. Acolher os diferentes é falar sobre a igualdade de direitos. Racismo, igualdade de gênero devem ser discutidos também. Se a escola possui um acervo pode-se aproveitar para revigorá-lo ou será um bom momento para a criação de um, mostrando a importância da preservação da memória. Bom trabalho!



Giovanna A. Vichiato Lima

Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 23 – Links úteis



The image shows a screenshot of a website. At the top, there is a teal header with a circular logo containing an orange book icon and the text 'Janela do Sensível'. Below the logo is a horizontal navigation menu with six items: 'Sobre o projeto', 'Por que fazer uma exposição?', 'Passo-a-passo para exposição.', 'Sugestões para exposição', 'Links úteis', and 'Download da Dissertação'. The 'Links úteis' item is highlighted with a blue underline. Below the menu, the page content is white. The section title 'Link Úteis' is in red. It contains a list of seven items, each with a numbered description and a blue hyperlink. On the right side of the page, there are three small square buttons with an upward-pointing arrow, likely for scrolling.

Janela do Sensível

Sobre o projeto | Por que fazer uma exposição? | Passo-a-passo para exposição. | Sugestões para exposição | **Links úteis** | Download da Dissertação

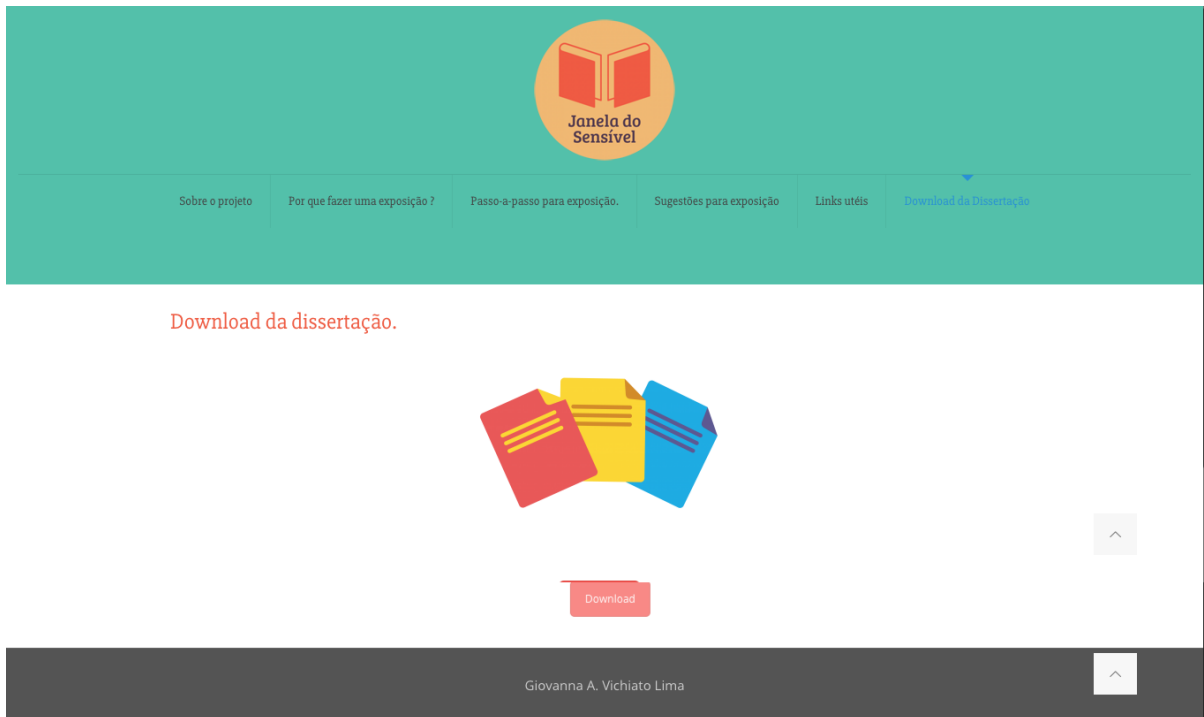
Link Úteis

1. Aqui, você encontra dicas e orientações para fazer as legendas e textos para a sua exposição:
http://percebeeduca.com.br/wpcontent/uploads/2015/11/Percebe_textos_exposicoes.pdf
2. Neste site você encontra extenso material sobre a História da cultura africana e dos afrodescendentes, bem como lendas africanas e sugestões de atividades
<http://antigo.acordacultura.org.br/mojuba/orixas>
3. Esse link possui 75 histórias de um projeto de mobilização social que usa a copa do mundo para chamar as pessoas para a ação. São 75 histórias de projetos de transformação por todo o Brasil, feitos por pessoas comuns, dando o seu melhor. A história nº 13 está relacionada à nossa sugestão de trabalhar com o grafite.
<http://imaginacopa.com.br/historias/historia-13/>
4. O conteúdo desse link é relacionado ao grafite e mostra a apropriação de um espaço público pelos artistas do grafite na cidade de São Paulo e a consequente legalização do mesmo como Museu Aberto de Arte Urbana, pela Secretaria de Estado da Cultura.
<https://museuabertodearturbana.wordpress.com>
5. No site a seguir, são reunidas imagens dos grafites de Belo Horizonte com os endereços. A proposta da autora é criar uma galeria dos grafites de BH e conta com a ajuda dos leitores.
<http://kikacastro.com.br/grafite-em-bh/>
6. O site oficial de dois artistas grafiteiros brasileiros, com obras reconhecidas em várias partes do mundo.
<http://www.osgemeos.com.br/pt>
7. Imagens de construções de assemblages
<https://br.pinterest.com/search/pins?q=assemblages>
<http://agentesmarginais.blogspot.com.br/p/assemblagem.html>
<http://www.moma.org/search?query=assemblage+>
<http://enciclopedia.itacultural.org.br/termo325/assemblage>

Giovanna A. Vichiato Lima

Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

FIGURA 24 – Download da dissertação



Fonte: www.janeladosensivel.pro.br

4. SOBRE EXPERIÊNCIA E SENSIBILIDADE

“A vida não se justifica pela utilidade. Ela se justifica pelo prazer e pela alegria – moradores da ordem da fruição. [...]. Resta perguntar: os saberes que se ensinam em nossas escolas são ferramentas? Tornam os alunos mais competentes para executar as práticas do cotidiano? E eles, alunos, aprendem a ver os objetos do mundo como se fossem brinquedos? Tem mais alegria? Infelizmente não há avaliações de múltipla escolha para se medir alegria...”

Rubem Alves

Todo tipo de educação oferece algum tipo de experiência e esta é singular, embora não seja única e nem a mesma para todos. Cada sujeito vivencia uma mesma experiência de uma maneira bem particular, relacionada às suas características pessoais, personalidade, bagagem cultural, dentre outros fatores. E são as experiências que dão sentido à educação. Quantas vezes já não ouvimos alguém relatar que se enveredou por uma determinada carreira por influência de algum professor? Da mesma forma ouvimos relatos de pessoas que se sentem bloqueadas em algumas disciplinas ou conteúdos, ou até mesmo em atitudes como falar em público, também por causa de um professor. São exemplos de experiências positivas e negativas, mas que fizeram sentido naquele momento para aquele sujeito da educação e influenciou profundamente suas escolhas futuras. De maneira análoga, o professor também vivencia experiências diariamente que, por vezes, o leva a refletir sobre suas práticas. Que tipo de experiências nosso modelo de educação tem proporcionado aos seus sujeitos?

Não vamos adentrar pelo campo da história da educação, só queremos ressaltar que as mudanças pelas quais esta passa, são consequências das mudanças da sociedade. Assim, a concepção de escola do século XX está pautada pela racionalização do conjunto das relações sociais, dos quais a educação faz parte, cujo papel principal, passa a ser formar um trabalhador integralmente apto ao trabalho regido pelas regras capitalistas. O processo de mercantilização que atinge a

vida social também chega à escola e transforma a educação em um negócio, um serviço como outro qualquer. Enquanto modelo privado, esta é pautada pela maior produtividade visando o maior lucro. Enquanto modelo público, busca atender às metas de governo em que qualidade e valorização da formação do cidadão não são os principais objetivos. Entretanto, no centro das grandes transformações sociais, a escola vai se afirmando como instituição social de central importância que legitima e operacionaliza as práticas capitalistas, enquanto prepara o indivíduo para o futuro.

A cultura escolar construída nesse contexto busca uma homogeneização, uma uniformização, numa tentativa de um maior ordenamento e controle dos sujeitos sociais que, cada vez mais, estão inseridos na escola, acompanhando a busca pela democratização da escola pública. Nesse sentido, temos a instituição da figura do aluno como categoria básica do sistema de ensino, como nos mostra Luciano Mendes de Faria Filho em texto apresentado ao CONED⁶ em 1996:

A produção no interior (e através) da prática pedagógica do(a) aluno(a) enquanto sujeito escolar se impôs ao conjunto da sociedade, conformando todo o ideário e as práticas acerca da formação humana. Foi, tanto quanto a cultura escolar que lhe dá sustentação, o resultado histórico social do desenvolvimento da especificidade, do lugar “próprio”, da escola no interior de nossas formações sociais. Apesar de ser hoje um termo de uso corrente, a história de sua emergência e utilização denotam a sua íntima vinculação com o movimento de afirmação da escolarização de setores cada vez maiores das camadas populares e, ao mesmo tempo, a cada vez maior intenção e esforço das elites escolarizadas em destituir de sentido e valor as culturas populares. [...]. Ao destituir a criança como sujeito no interior da escola e, no mesmo movimento, instituir o(a) aluno(a) como categoria básica do sistema de ensino, o que está ocorrendo, não é apenas uma mudança de natureza semântica. Muito mais importante que isso, esse movimento denota a força de uma das principais características da cultura escolar, qual seja, buscar destituir de sentido e valor todos os outros processos de formação humana que se dão no interior das práticas populares não escolares. (FARIA FILHO, 2012, p.73-74)

Nesse contexto, a organização escolar vai desqualificando as formas orais de transmissão de conhecimentos e saberes e destituindo de sentido as culturas

⁶ I CONED – Conferência Nacional da Educação Básica, Belo Horizonte, 1996.

populares enquanto conteúdos para a formação humana. Não são conhecimentos escolarizados, portanto, não fazem parte do currículo escolar. A escola vai se distanciando daquilo que Anísio Teixeira⁷ nos trouxe da pedagogia de John Dewey, há quase um século: que a educação deveria ser um processo de reconstrução e reorganização da experiência que o indivíduo traz do ambiente em que vive.

O par conhecimento e experiência deveria ser inseparável na educação. A escola não deveria ser um local isolado de preparação do indivíduo para viver em sociedade, pois ambos (educação e sociedade) são inerentes à vida e o aluno transita entre eles o tempo inteiro. O indivíduo, ao chegar à escola, já se encontra em processo de educação dentro do seu meio. É através dessa educação que a sociedade se perpetua, que as gerações transmitem crenças, costumes, conhecimentos e práticas. E a aprendizagem se completa quando o conhecimento adquirido na escola, quando uma nova informação recebida, se relaciona com um aspecto relevante da estrutura de conhecimento que o indivíduo já possui. Essa relação se completa através de experiências educativas. Uma experiência educativa pode ser realizada através da interação com o Patrimônio Cultural.

Podemos atribuir esse conhecimento que o indivíduo possui à cultura característica do meio no qual ele está inserido. Lembrando que o conceito de cultura não é estático e está em constante ampliação, assim como também a cultura de um grupo está em constante mudança, na medida em que valores que possuíam força no passado se enfraquecem diante do contexto social vivido pelas novas gerações, que, por sua vez, vão criando e adotando novos valores a partir de novas necessidades impostas pelas mudanças do mundo social. A cultura regula a convivência, a comunicação na sociedade. Queremos ressaltar que são do âmbito da cultura, aspectos da memória e da história dos grupos a que os estudantes pertencem. São valores difíceis de mensurar, da ordem do subjetivo, intangíveis, mas que trazem experiências vividas e que justificam a sua preservação, daí chamarmos de patrimônio.

⁷ WESTBROOK, Robert B.; TEIXEIRA, Anísio. John Dewey, p.54

Patrimônio é tudo aquilo que não queremos descartar, que vale a pena preservar, que resiste ao tempo. Surge com a ideia de herança econômica e foi incorporando adjetivos como histórico, cultural, material, imaterial, entre outros, cuja preservação é garantida por lei. Ao substituir a denominação de Patrimônio Histórico e Artístico por Patrimônio Cultural Brasileiro, a Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, objetiva a preservação “de formas de expressão; modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.” Ou seja, tudo aquilo que se refere à preservação da identidade e da memória dos grupos formadores da sociedade brasileira.

Trazer para dentro da escola aspectos do Patrimônio Cultural das comunidades ali inseridas atende a diversos propósitos. Além de propiciar experiências que conectam saberes escolares com o conhecimento prévio do estudante, possibilita dar novo sentido à ideia de preservação. Mais do que atender a normas e regras previstas na legislação de preservação do patrimônio, é uma oportunidade de mobilização e sensibilização daqueles que convivem com aquela realidade, seja uma edificação ou uma técnica do fazer dos mais velhos que não desperta o interesse da nova geração. Ao colocar em evidência um objeto ou artefato específico de uma manifestação de um grupo social, como uma ferramenta de um artesão, um símbolo religioso, um adorno para o corpo, um utensílio doméstico, ultrapassa-se a materialidade física do mesmo ao buscar sua história, utilidade, funcionalidade, valor econômico e sentimental. Nesse momento, também é colocado em evidência toda a cultura do grupo intrínseca no objeto.

A experiência que se pode proporcionar com a ação acima, vai ao encontro do que se constitui educação patrimonial, segundo o IPHAN.

A Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera-se, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e

democrática do conhecimento, por meio da participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de patrimônio cultural. (IPHAN, 2014)

Valorizar aspectos da cultura inerente ao estudante é iniciar um processo de educação patrimonial, que pode se desdobrar em respeito e valorização de outros patrimônios mais distantes. É uma experiência que pode influenciar na formação de atitudes no futuro.

Dewey (1971)⁸, nos chama a atenção para a importância da experiência na educação, e para o perigo das experiências erradas. Uma experiência deve despertar a curiosidade, influir na formação de atitudes, além de fortalecer a iniciativa e suscitar desejos e propósitos para conduzir uma pessoa para o futuro.

A responsabilidade do educador é estar atento de que as condições do meio modelam a experiência presente do aluno e estas situações concretas levam ao crescimento. Saber utilizar as condições físicas para se extrair tudo que possa contribuir para um corpo de experiências saudáveis e válidas. (DEWEY, 1971, p.32)

Complementando esse pensamento filosófico, temos novamente Anísio Teixeira desdobrando a pedagogia de Dewey⁹:

A experiência educativa é, pois, essa experiência inteligente, em que participa o pensamento, através do qual se vem a perceber relações e continuidades antes não percebidas.

Todas as vezes que a experiência for assim reflexiva, isto é, que atentarmos no antes e no depois do seu processo, a aquisição de novos conhecimentos mais extensos do que antes será um dos resultados naturais.

A experiência alarga, deste modo, os conhecimentos, enriquece o nosso espírito e dá, dia a dia, significação mais profunda à vida.

⁸ DEWEY, John. Experiência e Educação, p.15.

⁹ WESTBROOK, Op. cit., nota 8, p.37.

E é nisso que consiste a educação. Educar-se é crescer, não já no sentido puramente fisiológico, mas no sentido espiritual, no sentido humano, no sentido de uma vida cada vez mais larga, mais rica e mais bela, em um mundo cada vez mais adaptado, mais propício, mais benfazejo para o homem. (TEIXEIRA, 2010, p.37)

Conhecer pode ou não ser prazeroso. Um dos objetivos de muitos educadores é associar o ensino e a aprendizagem a momentos agradáveis, que possam proporcionar experiências dotadas de sentido. O educador vive o dilema de atender a insistência do sistema de ensino em trabalhar com um programa de conteúdos universais, o que equivale a cada vez mais informações dentro de um menor tempo, cumprindo o programa de currículos em pacotes acelerados, e, colocar em prática a ideia de que a escola possa ser um espaço de ampliação de horizontes e território de descoberta de novas possibilidades de aprendizagem sem o rigor pressuposto pelos organizadores das políticas educacionais.

O professor que se encontra em sala de aula não está sozinho nesse dilema. Estudos sobre o currículo escolar revelam como a questão é polêmica e desafiante, mas a discussão gera algum desconforto porque traz desconfiança sobre certezas estabelecidas¹⁰. No entanto, ela nos faz pensar e nos dá sugestões de caminhos a seguir, que condizem com nossa preocupação sobre a necessidade de a escola ressignificar o cotidiano, possibilitar experiências positivas, compreender e fazer uso das culturas que dela se adentram num movimento de acolhida dos diferentes. Ao colocar na pauta de discussão a questão polêmica entre conteúdos eruditos versus conhecimentos do senso comum (cultura popular), Souza, (2010, p.41-42) nos alerta para a questão de como assegurar essa sensibilização para com as diferenças sem aumentar a desigualdade e hierarquização social, visto que o mundo globalizado e tecnologicamente orientado necessita de cidadãos e cidadãs abertos ao conhecimento universal.

¹⁰ XV ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, UFMG, Belo Horizonte, 2010. Neste encontro a temática central foi “Convergências e Tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais”.

São desafios que vem sendo discutidos no meio acadêmico e que ainda demandam muita pesquisa. O que vemos são escolas buscando ressignificar suas práticas, num movimento de inclusão e valorização de todas as culturas. Há que se atentar para que esses relativismos culturais não se tornem empobrecedores a ponto de perpetuar desigualdades e injustiças.

Além disso, o excesso de informação é uma característica de nosso tempo

Nunca como agora, tivemos tanta informação e tão pouco conhecimento. A explosão da informação acaba por a tornar inacessível, pela mistura incessante de informações sem relevância, pela dificuldade de discernir entre informação fidedigna ou incorreta, pelo “bombardeamento” de elementos supostamente informativos que provocam o cansaço e mesmo a recusa dos sujeitos por certos tipos de informação, pela própria velocidade com que circula e incapacidade de a processar. (FELGUEIRAS, 2005, P.188).

Ao buscarmos dados sobre a quantidade de informação produzida no mundo anualmente, nos deparamos com cifras estratosféricas, de difícil entendimento para quem não é da área e que não cabe trazer neste trabalho. O que nos importa, é verificar que esta quantidade de informação cresce de modo vertiginoso e que não pressupõe crescimento social da população e nem aumento do nível educacional.

Assim, a expressão vivemos na “sociedade de informação”, às vezes é usada como sinônimo de “sociedade do conhecimento” ou “sociedade de aprendizagem”. A informação está em todo lugar, cada vez mais ao alcance das pessoas, mas nem sempre gera conhecimento, aprendizagem. Larossa (2002, p.21-22) vai nos chamar a atenção para o fato de que “a informação não deixa lugar para a experiência, [...] que não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência, [...] que deve ser separada da experiência”. A capacidade de pensar se perde na miscelânea de informações acumuladas e mal digeridas. O excesso de informação está sempre atrelado a outro fator que dificulta o exercício da experiência: a falta de tempo. Tudo se passa muito depressa, que logo é substituído por novas informações, que por sua

vez, também vão passar muito rápido, deixando uma sensação de vazio, de incompletude, com estímulos fugazes e efêmeros.

O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre os acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio. O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência. (LAROSSA, 2002, p.23)

O trecho acima se traduz em um retrato do comportamento que vemos nas escolas, seja na sala de aula, seja na sala dos professores ou em outros espaços. Tudo é muito acelerado, não se pode perder tempo, pois são muitos conteúdos a serem trabalhados, a rotina de se deslocar de uma escola para outra rapidamente, os equipamentos eletrônicos que nos conectam com o mundo e que devem ser verificados a cada minuto... Mas este mesmo professor pode fazer diferente...

Um professor que sai da academia não está formado, e pronto. A sua formação é contínua e deveria ser incansável. Ele precisa reinventar sua prática a cada nova proposta de ensino, a cada nova forma de organização escolar, a cada inovação política, a cada nova turma que recebe para trabalhar. O importante é que ele o faça sem deixar de lado tudo que o move: sua sensibilidade, seus costumes, seus hábitos, seu desejo. E é este profissional, ser humano fundamental no processo educacional, que pode fazer diferente. Podemos ver no professor o sujeito da experiência que nos diz Larossa (2002, p.25), que “se define, não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. [...] produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos”.

E ainda:

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “oposição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição” nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (Larrosa, 2002, p.25).

A experiência, nesse sentido, possui grande poder transformador. E é através desse reinventar diário do fazer pedagógico que as transformações vão se operando, por mínimas que possam parecer. Produzir diferenças é colocar em prática certas possibilidades de ação, certo fazer inusitado, que convidem ao aprender. Cada experiência colabora para preparar a pessoa para experiências posteriores mais amplas e mais profundas, torna-se instrumento para compreender e lidar com situações novas que se apresentam.

Retomando as ideias de John Dewey, que nos parecem muito mais atuais do que poderíamos imaginar, uma experiência de educação, ainda produz o que ele chama de aprendizagens colaterais como formação de valores e atitudes permanentes de gostos e desgostos, que irão contar fundamentalmente no futuro. Mas, a mais importante atitude a ser formada, é a de continuar aprendendo. Esta é a única preparação que conta ao longo da vida, e as experiências do presente funcionam como uma força que influirá sobre as experiências futuras.

A excessiva racionalidade da vida moderna, estritamente utilitária, também está na escola no momento em que prioriza o chamado conhecimento científico em detrimento das experiências de sensibilidade. O acelerado desenvolvimento tecnológico está nos deixando cada dia mais embrutecidos e menos aptos para os saberes sensíveis que o mundo e a vida nos oferecem.

Duarte Junior (2000, p.78) sintetiza com cinco elementos com os quais estamos envolvidos ao longo da vida e que deixa claro como nossa relação com os saberes sensíveis tem se deteriorado. São eles: a habitação, o passeio, a conversa, a comida e o trabalho. A seguir, utilizamos a sugestão destes elementos para pensar um pouco sobre o nosso fazer cotidiano.

Criamos espaços urbanos inóspitos, ameaçadores, pouco acolhedores que não nos proporcionam o uso de nossos sentidos de uma maneira mais profunda, e neles permanecemos por toda a vida, morando, trabalhando, estudando. Os nossos caminhos são sempre os mesmos, que percorremos tão apressados, que não temos condição de atentar para uma árvore cortada, uma construção demolida, um novo grafite no muro.

É preciso despertar e desenvolver a sensibilidade, a atuação dos sentidos na vida que se vive, recuperar uma determinada forma de aproximação às coisas do mundo físico. Vivemos na sociedade do espetáculo e nosso sentido de ver tem sido estimulado de forma maciça com a quantidade de imagens que chegam até nós a todo momento. Essa estimulação visual, porém, não desenvolve verdadeiramente o nosso olhar, mas nos condiciona para uma restrita percepção do mundo em que vivemos. Percepção esta que também não se completa pelo toque, continuando o conhecimento iniciado pelo olhar. Afastamo-nos das texturas naturais, visto que a maioria dos objetos manipulados no nosso cotidiano são artefatos confeccionados a partir de algum tipo de plástico. São desse material a grande maioria dos brinquedos das crianças, visto que oferecem menos risco de causar ferimentos e serem de custo inferior.

O caminhar se tornou uma ação mecânica para nos deslocarmos de um ponto a outro, quando esta distância não pode ser vencida com o auxílio de algum meio de transporte mecanizado. As caminhadas como atividade física, em geral, são em um ritmo acelerado, acompanhadas de fones de ouvido e olhares apressados. Não são passeios. Às crianças, os passeios também foram reduzidos às áreas dos condomínios, limitados a pouco espaço e tempo e sempre protegidas por roupas e sapatos para se evitarem possíveis doenças. Muito pouco exercitamos os nossos

sentidos com sons, cores, odores e texturas da natureza, pois o caminhar tem sempre um sentido utilitarista.

E os aromas? Como têm o poder de nos “transportar” para outras épocas e lugares. Boa parte de nossas lembranças são olfativas. Há cheiros específicos em nossa memória da infância, do livro e caderno novos, da escola, das férias na casa da avó. A vida moderna, com toda a poluição, odores característicos dos espaços urbanos e nosso distanciamento da natureza vem nos privando do prazer de odores que nos são agradáveis.

O ato de comer também acompanha a racionalidade moderna e vem se tornando um ato desprovido de prazer sensível. As refeições rápidas, industrializadas, cujo objetivo é apenas nos reabastecer de energia, com seus temperos artificiais, aditivos químicos para funções diversas, nos levaram a uma deseducação do paladar.

Felizmente, o fato de sermos brasileiros, ainda nos reserva um modo mais acalorado típico que nos permite o costume de nos tocarmos em encontros, despedidas e outras situações. Aprendemos e exercitamos ao longo da vida a arte do abraço, do beijo e do contato físico, o que também tem reduzido em função das novas tecnologias, que, se por um lado facilita o resgate de relações perdidas no passado, por outro substitui, pelo dinamismo e rapidez, a necessidade de encontros pessoais e impessoais, como ir ao banco e ficar em uma fila para pagar contas. Era um momento de trocas de informações, opiniões e sentimentos.

É curioso como boa parte dos aspectos abordados acima muda a sua configuração no momento em que estamos em viagens de férias. Parece que é o tempo em que nos permitimos todos esses deleites sensíveis.

Não é com surpresa que presenciamos um mal-estar, uma tristeza generalizada, uma falta de alegria em algumas escolas, que se traduz em rebeldia dos alunos. As experiências sensíveis proporcionadas por nosso sistema educacional são, na maioria das vezes, desagradáveis, com prédios e mobiliários sujos, feios, deteriorados e desconfortáveis, currículos inapropriados e inexecutáveis.

A vida sensível não pode ser separada da inteligível. Precisamos recuperar a aproximação às coisas do mundo, aqui entendido como natureza, inclusive humana.

O sensível e o inteligível: estas duas maneiras complementares do saber que o projeto moderno houve que apartar, colocando todo seu esforço educacional em favor do segundo, furtando-nos assim o prazer do saborear enquanto componente do processo cognitivo humano. [...]. Daí a urgente necessidade de se voltar a valorizar, especialmente no âmbito das escolas, uma fruição mais detida e minuciosa da realidade a que pertencemos, tarefa para a qual devem ser convocados e valorizados não apenas o poeta e o artista como também aquele cidadão comum que detém a prática dos ofícios e habilidades para os quais estão cerrados os olhos de nossa contemporaneidade tecnológica. Maestria, sensibilidade, habilidade e intuição: componentes do exercer-se cotidiano da maioria da população, os quais, no entanto, seguem impedidos de transpor os portões escolares em nome do científico e da eficiência tecnológica. (DUARTE JUNIOR, 2000, p.202)

Uma educação sensível só pode ser efetivada por educadores cujas sensibilidades tenham sido desenvolvidas e cuidadas. Aqui nos lembramos do ensinamento de Rancière, (2002): “Para emancipar a outrem, é preciso que se tenha emancipado a si próprio.” A tarefa não se apresenta como fácil, mas é preciso começar, e, felizmente, para alguns que já o fazem, é persistir e intensificar. O planeta clama por um saber viver diferente, em que os cifrões não tenham maior valor que a vida; e a escola é um *lócus* especial dessa mudança.

5. SOBRE EXPOSIÇÕES E OBJETOS

*As coisas têm peso,
massa, volume, tamanho,
tempo, forma, cor,
posição, textura, duração,
densidade, cheiro, valor.
Consistência, profundidade,
contorno, temperatura,
função, aparência, preço,
destino, idade, sentido.
As coisas não têm paz*

Arnaldo Antunes / Gilberto Gil

Porque expor? O que expor? Para quem expor? Onde expor? São indagações que nos vêm quando começamos a pensar a temática. Ao longo da história constatamos que é uma prática comum ao homem – mostrar os seus feitos, as suas conquistas – dentro dos costumes de cada cultura. Todas as civilizações da Antiguidade criaram modos de expor seus objetos, fossem essas exposições realizadas dentro de templos ou de palácios, tendo fins mágicos ou não. O hábito de expor, característico do homem ocidental, vai se configurando mais próximo daquilo que conhecemos hoje, a partir da época moderna e se consolidando paralelamente ao desenvolvimento do capitalismo.

Segundo Menezes (2005), as coleções particulares, organizadas por príncipes e senhores renascentistas, funcionavam como paradigmas visuais que recriavam simbolicamente a ordem do mundo e o espaço de exercício de seu poder. Eram os chamados Gabinetes de Curiosidades que reuniam espécimes da natureza, Naturalia, e objetos produtos da ação humana, Mirabilia. Muitas dessas coleções foram dando origem aos museus e gradativamente, permitindo o acesso ao conhecimento que guardavam, a um maior número de pessoas. Continuavam, porém, vinculados ao poder e ao dinheiro.

A sociedade moderna advinda do capitalismo foi se constituindo através da espetacularização. Mostrar o que se pode comprar ou o que se produz estava no imaginário da afirmação da sociedade burguesa. Essa necessidade de exibir posses e feitos, característica do jogo de poder econômico, ultrapassa as fronteiras pessoais e atinge as nações. Como exemplos desse fenômeno temos as Grandes Exposições Universais, na Europa e Estados Unidos, a partir da segunda metade do século XIX, que se configuram como o momento e a forma de apresentar ao mundo o progresso expresso nas novidades das ciências, nos avanços tecnológicos, nas criações artísticas e produções industriais, além das riquezas naturais de territórios, quase sempre dominados, de diferentes continentes. O objetivo naquele momento era comemorar o que parecia ser inevitável: a consolidação das formas capitalistas e burguesas da sociedade liberal.

E as exposições universais, nas quais as nações exibiam seus produtos, suas peculiaridades e sobretudo suas potencialidades econômicas, não eram somente uma nova maneira de alimentar a máquina do capitalismo. Além disso, ou subjacente a isso, estavam sendo tramadas novas configurações na própria maneira de enxergar as coisas. Na descoberta do poder de sedução das vitrines, punha-se em jogo o desenvolvimento de uma pedagogia do olhar. (RAMOS, 2004, p.142).

Assim, a prática de construir exposições com diversas finalidades vai se difundindo paralelamente à criação de importantes instituições museológicas tanto na Europa como em outras partes do mundo.

Expor é um fenômeno visual, cujo objetivo essencial é a comunicação. Em um museu, a exposição é a principal forma de comunicação com o público de tudo aquilo que ele coleta, guarda, pesquisa, protege. Por muito tempo as exposições vão se utilizar do poder de sedução das vitrines que se configuram em uma ambivalência, pois enquanto protegem e conservam, também tornam visíveis, aproximam, ao mesmo tempo em que interditam sem permitir tocar.

O vidro, que teve seu uso amplamente difundido nas construções a partir da revolução industrial, dentro do museu também contribui para a sacralização dos

objetos, na medida em que dá um status de algo especial àquilo que é visto, mas não pode ser tocado (RAMOS, 2004). Mesmo entendendo qualquer exposição adequada aos parâmetros de sua época como um ato comunicativo, observamos as mudanças que se apresentam na concepção dessa prática nas últimas décadas do século XX e início do XXI. Passamos de momentos nos quais os objetos eram dispostos sob a proteção das vitrines para simplesmente serem contemplados e analisados, a uma situação em que o visitante pode tocar, sentir, interagir com obras e instalações, cujo intuito é envolver e sensibilizar o visitante para que esse tenha uma percepção mais crítica sobre o mundo do qual faz parte.

Essas mudanças fazem parte de um processo dinâmico de transformação e renovação dos museus, implementado por um campo de saber profissional reconhecido, a Museologia, que nessa época se encontra em ascensão, buscando legitimação e espaço nas academias, bem como regulamentação junto ao poder público, que, além disso, vai incorporando novos segmentos e terminologias. A necessidade de uma especialização vai se fazendo presente, e a expografia surge como uma disciplina dentro da Museologia e como campo de trabalho, que vai buscando as várias possibilidades de conteúdo e forma para as exposições.

É a expografia que vai buscar a melhor linguagem, a melhor forma de comunicação para a exposição. A área compreende equipes interdisciplinares que vão manipular variáveis diversas a fim de oferecer ao público uma experiência de qualidade em termos visuais, espaciais e sensoriais.

Assim, conceber e montar uma exposição significa construir e oferecer uma experiência de qualidade para o público, uma experiência que, por sua importância, esteja de acordo com o princípio da continuidade da interação. [...] que esteja conectada com suas experiências anteriores e que influencie positivamente suas experiências futuras. [...]. Certamente o público deve ter consciência de que aquela exposição foi uma experiência única. (CURY, 2005, p.44-45).

A autora cita John Dewey, pois se inspira em sua teoria para falar de experiência de qualidade, assim como também o fizemos no capítulo anterior deste trabalho. Ainda

de acordo com Cury (2005) a expografia precisa trabalhar com três campos de abordagens - a administrativa, a política e a técnica - para uma boa execução de sua proposta. Tais abordagens dizem respeito à realidade específica dos museus e outras instituições que não a escola, e, portanto, não são focadas aqui.

Uma exposição deve ser bem planejada em todos os detalhes para que o diálogo com o público aconteça. Deve permitir ao público vivenciar experiências, envolvendo tanto a atividade intelectual quanto a sensibilidade. Deve envolver a dimensão estética, visual, concreta e sensível. Scheiner (2003) nos alerta que ver apenas com os “olhos da razão” nos torna cegos para infinitas dimensões perceptuais. O verdadeiro conhecimento é aquele que, partindo da informação, elabora-se pela emoção e se transforma em vivência. É no plano afetivo que se elabora a comunicação, quando a mente e o corpo se mobilizam em conjunto, abrindo espaços para novos saberes, novas visões de mundo, novas experiências, novas possibilidades de percepção. Assim, uma exposição deve possibilitar a liberdade para que cada indivíduo a saboreie no seu tempo de percepção, e tenha experiências multissensoriais (audiovisuais, tácteis, olfativas e emocionais). Almeida (2005) nos lembra uma recomendação do Museu de História Natural de Londres ao se pensar uma exposição: devemos colocar os objetivos afetivos antes dos objetivos cognitivos e insistir mais sobre a motivação e menos sobre conteúdo.

É pelo olhar que, com frequência, se inicia o processo de conhecimento, que vai se completando pela percepção dos outros sentidos, transformando a informação em vivência, através da emoção. Scheiner nos transmite de forma muito bela essa ideia:

Diria, até, que a percepção visual constitui, de certa forma, uma experiência multidimensional, que não pode ser colocada em palavras: pois é o olhar que precede o toque e a fala, seduz o observador, provoca-lhe os sentidos, desperta-lhe a fantasia (esta poderosa arma contra o logos), transforma cada visitante num ‘voyeur’ em potencial. Pelo olhar é possível ao observador ‘possuir’ o objeto desejado, alcançá-lo através do espaço, percorrer a sua superfície, traçar o seu contorno, explorar a sua textura, traçar uma ponte entre seu corpo e o corpo do objeto.

O olhar completa-se com o toque, que funde instantaneamente o visitante e o objeto, estabelecendo entre ambos uma relação única, pessoal, intransferível; e com a percepção do som, que ‘abraça’ o visitante,

envolvendo seu corpo e sua mente em vibração e ritmo. Mas há o movimento, que articula som e imagem, criando efeitos especialíssimos; e ainda a possibilidade de apreender a exposição pelo cheiro ou pelo gosto. Mas tudo isto deve ser oferecido respeitando-se os tempos e espaços perceptuais de cada indivíduo ou grupo: pois a comunicação só se estabelece efetivamente quando sua forma e conteúdo mediam, simultaneamente, emoção e informação. Este é o verdadeiro conhecimento: não a informação em si, mas o conhecimento que, partindo da informação, elabora-se pela emoção e a transforma em vivência. (SCHEINER, 2003).

A autora ainda nos alerta para o perigo dos excessos ou da espetacularização, pois podem ‘anestesiarem’ os sentidos e diminuir o potencial de percepção.

Ao longo de nossa pesquisa, fomos percebendo as mudanças das concepções e práticas museológicas, que levam à necessidade de novas formas comunicacionais, ou seja, novos modelos de exposições, novas formas de lidar com os objetos. Segundo Ramos (2004), um dos grandes desafios para a montagem de exposições museológicas contemporâneas, reside no fato de não fazer vitrines, romper com a estética de mostrabilidade que caracteriza o mundo das mercadorias. Essa ideia se insere no mesmo bojo que a entrada de novas práticas de comunicação, alimentadas por novos recursos tecnológicos, se fazem presente nas exposições, propondo novas formas de apropriação de conhecimento. A vitrine é dispensada sempre que possível e outros recursos entram em cena. A tecnologia, um desses novos recursos, proporciona formas de interatividade através de dispositivos digitais. O visitante é convidado a ter experiências diferenciadas, a movimentar-se, a utilizar o corpo para além da visão, a manipular objetos, a fazer parte de instalações. Novos sentidos são buscados para a comunicação da exposição, como olfato, tato, audição, paladar.

“O ato de expor é um exercício poético a partir de objetos, e com objetos.” (RAMOS, 2004, p.29). Os objetos permeiam a nossa existência. Estamos inseridos em um oceano de coisas materiais ‘indispensáveis’ para a nossa sobrevivência biológica, psíquica e social. Possuem funções práticas indispensáveis e assumem um caráter de obviedade, que, às vezes, não percebemos a sua relevância social e simbólica e como eles influem secretamente em nossas vidas. Não raro só percebermos a beleza, a forma, os detalhes e a delicadeza de um objeto quando esse é deslocado

do nosso cotidiano, como em uma exposição. Mas, o que mais influencia para essa pouca relevância que damos aos objetos em nosso cotidiano é a efemeridade deles.

Vivemos na sociedade do consumo e do descarte. Segundo Baudrillard, estamos no “tempo dos objetos”. “No passado, não muito distante, havia uma perenidade que hoje já não há: Os objetos viam o nascimento e a morte das gerações humanas. Atualmente, são os homens que assistem ao início e ao fim dos objetos”. (BAUDRILLARD *apud* RAMOS, 2008.p.181).

Quando a velocidade aumenta, a duração diminui. Tal equação é, em síntese, o sentido que rege a aceleração dos objetos na sociedade de consumo. Fruto permitido e proibido do capitalismo, o objeto transformado em mercadoria foi se instituindo na constante diminuição da vida média. Nesse caso, o acelerado aumento da mortalidade dos artefatos corresponde ao insaciável incremento da natalidade. Objetos são criados em desespero contínuo, para alimentar o consumo, igualmente desesperado. Depois de comprado, o objeto não deve ter vida longa: desgasta-se logo ou fica “fora de moda”. Nunca houve, em nenhuma sociedade, uma relação tão próxima entre a maternidade e cemitério. (RAMOS, 2008, p.181).

Esta é a lógica do capitalismo que acabamos por alimentar enquanto consumidores compulsivos que nos tornamos. Já não consumimos os objetos por sua utilidade ou funcionalidade, mas como símbolos com os quais vamos construindo nossa identidade. Compramos objetos até nos tornarmos prisioneiros de uma série de objetos totalmente inúteis que não sabemos bem porque compramos. A mídia se encarrega (e muito bem) de criar sonhos de consumo, desejos, que deveriam ser satisfeitos quando os objetos desejados fossem adquiridos. Essa satisfação é gerada com a aquisição do bem. Seu efeito, porém, é efêmero, dura pouco e logo surge a insatisfação e o desejo por uma novidade. Beatriz Sarlo, em citação de Regis Ramos (2008, p.68) define muito bem esse consumidor da atualidade como um “coleccionador às avessas: em vez de colecionar objetos, coleciona atos de aquisição de objetos”. Coleciona, de modo excitante, “atos de compra e venda”. Assim, há sempre uma ausência, falta de objetos que nunca é preenchida por novas aquisições.

É fácil constatar esse consumismo nas escolas, entre os alunos. Trazem ou portam uma infinidade de objetos que vão desde uma borracha com 'cheirinho' ao tênis de marca ou celular de última geração. E fica claro o prazer efêmero de possuí-los demonstrado pelo pouco cuidado que dispensam a cada um desses pertences, que logo serão substituídos. Nesse caso, a posse se dá muito mais pelo que o objeto simboliza, como uma construção e afirmação de identidade, que pela sua utilidade. Utilizamos aqui de uma generalização de situações envolvendo a maioria dos alunos. Queremos registrar que existem casos que este costume não se aplica, embora sejam raros.

Entendemos que também é função da escola contribuir para o rompimento desse círculo vicioso de consumir e descartar e atentar para a prática do consumo consciente. Promover um novo olhar para os objetos de nosso cotidiano pode ser um bom começo para transformações de atitudes que levem em conta o respeito ao meio ambiente e a responsabilidade social.

A cultura escolar, quando prioriza alguns conhecimentos em detrimento de outros, acaba por reproduzir os valores dessa sociedade de consumo. Também a forma de comunicação desse conhecimento reafirma esses valores. Não podemos negar como os recursos tecnológicos digitais e audiovisuais vêm facilitando as atividades do professor. Motivam e aproximam os alunos, que, quase sempre, dominam o manuseio dessas tecnologias colaborando no desenvolvimento das aulas. O professor responsável pesquisa as melhores imagens, os melhores vídeos, constrói boas apresentações de slides, busca planejar aula no laboratório de informática, tudo para motivar os alunos e melhorar a qualidade de suas aulas. Entendemos que é o caminho que está posto para a educação numa realidade cada vez mais informatizada e os professores que ainda não dominam as novas Tecnologias de Informação e Comunicação, precisam se atualizar. Apenas ressaltamos que a educação não pode negligenciar outros caminhos.

O simples uso das tecnologias não nos afasta daquilo que Paulo Freire chamou de 'educação bancária'. Precisamos priorizar atividades em que os alunos participem mais ativamente de sua construção, sejam protagonistas do seu processo de ensino

aprendizagem. A psicologia já comprovou que esquecemos aquilo que ouvimos, recordamos um pouco mais aquilo que vemos e compreendemos aquilo que fazemos. Aprendemos pela operação de nossos sentidos sobre o mundo exterior. Assim a observação e a experimentação são o ponto de partida para o conhecimento.

A pesquisa que apresentamos sobre o valor dos objetos e sua exposição nos leva a acreditar que essa prática é uma forma de comunicação que pode ser mais explorada na escola, com resultados muito positivos. É uma atividade que deve ser realizada com atenção, inspiração, imaginação, e, que, com certeza, trará muita surpresa para os envolvidos. É um prazer a ser explorado.

Ao sugerirmos a exposição na escola, buscamos priorizar o uso dos objetos e não de imagens, pois estas já possuem uma boa frequência às salas de aula como nos demonstra uma pesquisa sobre curadoria educativa voltada para a sala de aula coordenada pela professora Mírian Celeste:

As análises das respostas de professores, de Arte e História, apontam que as imagens definitivamente frequentam as salas de aula, mesmo que apenas como convidadas tímidas sentadas ao lado de textos ou conteúdos, esses sim considerados os principais visitantes. E ao lado das imagens, outros convidados ainda mais tímidos, que pouco aparecem para uma visita: os objetos. (CELESTE, 2006 p.9).

A autora ainda acrescenta que “a rara citação de objetos pode ser atribuída, dentre outras causas, a uma excessiva valorização da pintura por nossa cultura, em detrimento da escultura, do desenho ou da gravura[...]” (CELESTE, 2006). Daí a proposta de levarmos cada vez mais objetos para o trabalho na escola.

“Se aprendemos a ler palavras, é preciso exercitar o ato de ler objetos, de observar a história que há na materialidade das coisas”. (RAMOS, 2008). Vivemos em um mundo de artefatos e não sabemos ler os objetos. Estamos propondo uma produção de conhecimento através deles. Sua escolha deve ser planejada em consonância com a realidade dos alunos. É importante trabalhar com objetos do cotidiano, de

lugares e coisas que permeiam o dia a dia e podem possibilitar o encontro com experiências estéticas no trivial, naquilo que ninguém repara por estar perto demais. Olhar para um objeto e aprender a observar, desvendar seus significados, a circunstância em que foi produzido, os seus usos.

Analisando alguns elementos da cultura escolar de métodos que pretendiam modernizar a forma de ensinar em fins do século XIX, Valdemarin nos apresenta uma análise que podemos considerar bem relevante para a atualidade:

...o processo de ensino deve desenvolver-se do simples para o complexo, do que se sabe para o que se ignora, dos fatos para as causas, das coisas para os nomes, das idéias para as palavras, dos princípios para as regras, ou seja, do que pode ser observado para a abstração. Assim sendo, observar é progredir das percepções dos sentidos para a idéia, do concreto para o abstrato, dos sentidos para a inteligência, dos dados para o julgamento, por meio de atividades concretas que são, ao mesmo tempo, expressão do pensamento e da experiência. Dada a proposição de que os sentidos são os instrumentos determinantes para a aquisição do conhecimento, os objetos a serem utilizados no ensino, isto é, postos para serem observados, assumem papel fundamental, pois são a garantia de que o conhecimento não seja meramente transmitido, mas gerado com base no contato com o objeto. (VALDEMARIN, 2000, p.77).

Promover exposições de objetos nas escolas nos abre um leque de alternativas de trabalhos que possibilitem experiências com o saber sensível. Podemos contribuir para o estabelecimento de um novo olhar para o patrimônio cultural público, no momento que resgatamos os objetos familiares que acompanham gerações, que contam a trajetória dos mais velhos. Influenciar na formação de novos hábitos de consumo quando trazemos para o ambiente escolar objetos produzidos pelo artesanato local ou familiar com toda a sua originalidade e colocamos em evidência todo o saber sensível e habilidades demandados para a sua produção. Ainda sobre novos hábitos de consumo, podemos trabalhar com os ‘objetos ressuscitados’, expressão encontrada em Régis Ramos, quando nos fala dos “objetos que são restos de consumo, ou melhor, objetos que já foram definitivamente consumidos, dão uma reviravolta e começam a despertar uma série de consumos que, em certo

sentido, são inusitados, de uma criatividade anônima que se compõe nas táticas de sobrevivência” (Ramos, 2004).

Essas são apenas algumas possibilidades de trabalho apontadas. Mesmo que escrevêssemos páginas e mais páginas, não esgotaríamos todo potencial existente, e isso não é nosso objetivo. No Guia que apresentamos virtualmente, inserimos mais algumas sugestões temáticas, embora confiemos na criatividade e inventividade dos profissionais da educação que produzem belíssimos trabalhos com suas turmas. Apenas queríamos despertar a atenção para uma atividade que consideramos rica.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trajeto é longo e ainda falta muito a percorrer. Mas o importante é caminhar. E é com essa sensação que chego a este ponto do meu trabalho, que não posso considerar como final, apenas a conclusão de uma etapa. Vou colecionando aprendizagens e preciso me expor, o que se dará através da minha atividade profissional e da minha vida. Enveredar por um campo de pesquisa cujos resultados não podem ser expressos em números, nos reforça a necessidade da mudança do olhar. O olhar do educador deve ser consciente e questionador para que tenha uma visão de mundo mais abrangente e mais humana, e, assim, educar para a sensibilidade.

Uma educação que reconheça o fundamento sensível de nossa existência e a ele dedique a devida atenção, propiciando o seu desenvolvimento, estará, por certo, tornando mais abrangente e sutil a atuação dos mecanismos lógicos e racionais de operação da consciência humana. (DUARTE JUNIOR, 2000, p. 177).

Como a escola prepara o seu aluno para as suas experiências futuras? O autor citado nos fala ainda do sujeito da educação:

[...] como um indivíduo pleno, como alguém que, além de não ter negada sua captação sensível do mundo em favor de um conhecimento descarnado e racionalista, também precisa aprender a encontrar o equilíbrio entre uma razão universal, abstrata, e aquelas verdades locais da comunidade onde vive. [...] Ao contrário, necessita-se primordialmente de um sujeito antes de tudo sensível, aberto às particularidades do mundo que possui à sua volta, o qual, sem dúvida nenhuma, deve ser articulado à humana cultura planetária. Buscar o universal no particular, e vice-versa, parece constituir, pois, o grande desafio da educação contemporânea, tarefa para a qual esta não deve e não pode lançar mão apenas dos procedimentos estreitos e parciais permitidos pelo conhecimento lógico-conceitual, mas também ampliar sua área de atuação para os domínios corporais e sensíveis que nos são dados com a existência. (DUARTE JUNIOR, 2000, p. 177-178)

Pensando no desdobrar da educação enquanto valorização de um aprendizado sensível, entendemos que a proposta de promover exposições no espaço escolar,

com um caráter mais subjetivo e menos voltado para o lógico-racional contribuirá para superar o desafio da educação contemporânea como citado.

O discurso educacional busca propagar uma escola adaptada aos novos tempos, às novas gerações, mas mantém noções e valores que preparam o aluno para a sociedade de consumo, para o mercado, para a globalização. O que percebemos é um estímulo cada vez maior ao individualismo, e o empobrecimento das relações humanas. Muito se fala em modernização da educação, mas esta se resume à adoção de recursos tecnológicos. Substituir o quadro negro (ou branco) por lousa digital ou instalar um *data show* na sala de aula, não muda a educação na essência. Com muita frequência a mídia ou os responsáveis pelas políticas educacionais nas diversas instâncias, nos apresentam ideias e propostas de metodologias de ensino que irão ‘revolucionar’ a educação, importadas de países com realidades diferentes da nossa, em que a utilização de recursos digitais se sobrepõe à utilização de outros recursos de ensino. Surgem como a ‘salvação’ para a educação. Demandam enormes investimentos de recursos financeiros, de formação de profissionais, de reorganização da estrutura escolar, e não apresentam os resultados prometidos e esperados, e, logo são substituídos por outra proposta salvadora.

É recomendável que os conhecimentos escolares estejam vinculados à realidade do mundo, daí a importância de contextualizar uma proposta de trabalho para o aluno – o lugar, o tempo, a comunidade, a cultura onde ele está inserido. A ideia de dar maior atenção aos objetos em nossa proposta de exposição na escola, e ainda, especialmente àqueles carregados de história e simbologia familiares, está em consonância à proposta de trazer um recorte de realidade concreta para o ambiente escolar, em detrimento de imagens de representação de realidades que não são as dos sujeitos envolvidos. É através da valorização das raízes culturais, bem como da relação de identidade e pertencimento dos indivíduos que se contribui para a formação de cidadãos seguros, conscientes da importância de suas escolhas na vida e preparados para experiências futuras.

A escola deve estar sempre atenta para o fato que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para que o aluno construa o seu próprio

conhecimento, através da problematização, da participação ativa, da interação com o objeto de aprendizagem e com os colegas, em uma linguagem mais própria, além de uma relação que transite pela afetividade com o professor. Criar espaços para a imaginação, onde o aluno sinta desejo de participação, curiosidade, que o leve a pensar, colabora para uma aprendizagem significativa.

Ainda que tenha objetivos a cumprir em suas disciplinas, com currículos e programas rigorosos, o professor é capaz de criar novas estratégias de ensino que impliquem na participação ativa do estudante, facilitando o que Moreira (2000) chama de 'aprendizagem significativa crítica':

Sabemos que a aprendizagem significativa caracteriza-se pela interação cognitiva entre o novo conhecimento e o conhecimento prévio. [...] Sabemos, também que o conhecimento prévio é, isoladamente, a variável que mais influencia a aprendizagem.[...] Sabemos igualmente que a aprendizagem significativa é progressiva, quer dizer, os significados vão sendo captados e internalizados progressivamente e nesse processo a linguagem e a interação pessoal são muito importantes. [...]. Resumindo, aprendizagem significativa é aprendizagem com significado, compreensão, sentido, capacidade de transferência; oposta à aprendizagem mecânica, puramente memorística, sem significado, sem entendimento; [...]. Neste ponto é preciso, antes de mais nada, esclarecer o que está sendo entendido aqui como aprendizagem significativa crítica: é aquela perspectiva que permite ao sujeito fazer parte de sua cultura e, ao mesmo tempo, estar fora dela. [...] É através da aprendizagem significativa crítica que o aluno poderá fazer parte da sua cultura e, ao mesmo tempo, não ser subjugado por ela, por seus ritos, mitos e ideologias. (MOREIRA, 2000, p. 4,6,7)

A sociedade moderna com sua profusão de informações e conhecimentos objetivos desligados da existência humana não tem proporcionado aos sujeitos o saber da experiência que faz sentido para a vida. A grande valorização do pensamento racional que dá credibilidade apenas ao conhecimento fornecido pela ciência tem desvalorizado os saberes e habilidades do fazer cotidiano, que não encontram lugar nas escolas, e que são compostos com maestria e sensibilidade. É como se somente aos artistas coubesse a sensibilidade, a quem se permite uma fruição mais detida da realidade. Aos demais, cabe o treino instrumental para a racionalidade, esquecendo-se de que inteligência e sensibilidade caminham lado a lado.

A escola pode fazer diferente e qualificar sua experiência educativa, para que os estudantes não saiam com um diploma vazio de saber. Precisamos nos preocupar com a maneira como estamos preparando os estudantes para chegar ao final desse século que está apenas no começo. Sabemos que não existe fórmula pronta e que ferramentas para diversificar o trabalho do professor se multiplicam a cada dia. A proposta que trazemos tem como principal objetivo o diálogo com as experiências dos sujeitos que desperte a afetividade. O importante é abrir no mínimo uma janela dentro da rotina escolar, um espaço para os fenômenos próprios da existência humana como o riso, o choro, as lembranças, o encantamento, o estranhamento, o espanto. O professor deve ter consciência de que aceitar uma proposta diferente de trabalho, pode implicar em sair de seu porto seguro, e pode levá-lo a encantamento, satisfação profissional, mas também a frustrações e desencantos. Mas o principal é que o leve a repensar suas práticas e saberes.

Lembrando mais uma vez de Larossa (2014) quando nos diz “que pensar a educação a partir da experiência a converte em algo mais parecido com uma arte do que com uma técnica ou uma prática”. Acostumamos a pensar que a educação estética, o exercício da sensibilidade, a fruição, deveria ficar somente a cargo do professor de arte. Apenas ele teria legitimidade para o exercício desse saber. Hoje percebemos claramente que isso não é verdade. Precisamos buscar uma educação mais abrangente, e a transdisciplinaridade pode ser um caminho possível.

Há algo no que fazemos e no que nos acontece, tanto nas artes como na educação, que não sabemos muito bem o que é, mas que é algo sobre o que temos vontade de falar, e de continuar falando, algo sobre o que temos vontade de pensar, e de continuar pensando, e algo a partir do que temos vontade de cantar, e de continuar cantando, porque justamente isso é o que faz com que a educação seja educação, com que arte seja arte e, certamente, com que a vida esteja viva, ou seja, aberta a sua própria abertura. (LAROSSA, 2014, p.13).

E, voltando ao começo, hoje entendo um pouco melhor porque me encanta uma visita ao museu. E me permitindo novamente uma extrapolação: uma educação que prime pela experiência sensível pode levar outros ao encantamento. E quem sabe acompanhar novas turmas a visitas em museus pode causar nova impressão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte. **História, Ciências, Saúde-manguinhos**, [s.l.], v. 12, p.31-53, 2005. FapUNIFESP (SciELO). DOI: 10.1590/s0104-59702005000400003.

ALVES, Rubem. **Educação dos Sentidos e mais....** Campinas: Verus Editora, 2005.

ANTUNES, Arnaldo; GIL Gilberto. **As Coisas**. In: Tropicália 2 . PolyGram, 1993. Disponível em: http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_sel.php?id=113 > Acesso em: 02/01/2016.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane G.; SALES, Heloisa M. **Artes Visuais Da exposição à sala de aula**. São Paulo: Edusp, 2005.

BARBUY, Heloisa. **Entendendo a Sociedade Através dos Objetos**. Disponível em: http://minhateca.com.br/Angela.Rojo/CULTURA+MATERIAL/BARBUY*2c+Heloisa.+Entendendo+a+sociedade+atrav*c3*a9s+dos+objetos+-+Heloisa+Barbuy,208068325.doc Acesso: em 15/03/2015

BERTELLI, Mariana de Queiroz. **Identidades, Imagens e papéis museais nos discursos institucionais sobre a relação museu-escola**. 2010. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. **Professores de História em cenários de experiência**. 2014. Tese (Doutorado) - Faculdade de educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

BRASIL, Constituição Federal (1988). Seção II, Artigo 216, *caput*, incisos e parágrafos.

BRASIL, **Lei 9475** de 22 de julho de 1997. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e dá nova redação ao artigo 33. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9475.htm#art1 Acesso em: 06/01/2016.

BRASIL, **Lei 10639** de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm Acesso em: 10/05/2014.

BRULON SOARES, Bruno C. **Caminhos da Museologia: Transformações de uma ciência do museu**. Senatus, Brasília, v.7, n.2, p.32-41, dez. 2009. Disponível em:

<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/183232/000876474.pdf?sequencia=6> Acesso em: 21/09/2014.

CINTRÃO, Rejane. As montagens de exposição de arte: dos Salões de Paris ao MoMA. In: RAMOS, Alexandre Dias (Org.) **Sobre o ofício do curador**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2010.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: Concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

DUARTE JR., João F.. **O sentido dos Sentidos: A educação (do) Sensível**. 2000. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação – UNICAMP, Campinas. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000211363>>. Acesso em: 23/08/2015.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. INVENTARIAANDO a Escola do Futuro revisitando o Passado. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana G. (org.) **Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2005.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. Patrimônio histórico material e imaterial e a invenção da história. In: REIS, Alcenir Soares; FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **Patrimônio imaterial em perspectiva**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2015.

FONSECA, Selva Guimarães. O trabalho do professor na sala de aula: relações entre sujeitos, saberes e práticas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.91, n.228, p. 390-407, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/view/1619>>. Acesso em: 18/11/2015.

FOULCAUT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

JULIÃO, Leticia. Apontamentos sobre a História do Museu. In: **Caderno de Diretrizes Museológicas** 1. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2o Edição p.20-31. Disponível em: <http://www.cultura.mg.gov.br/files/Caderno_Diretrizes_I%20Completo.pdf>. Acesso em 20/08/2015.

IIPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Educação Patrimonial. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>. Acesso em 14/03/2016.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi – 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

MACGREGOR, Neil. **A história do mundo em 100 objetos**. Tradução de Ana Beatriz Rodrigues, Berilo Vargas e Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

MARANDINO, Martha (org). **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo: Geenf/FEUSP, 2008. Disponível em: < <http://parquecientec.usp.br/wp-content/uploads/2014/03/MediacaoemFoco.pdf> >. Acesso em: 23/11/2014

MARTINS, Luciana Conrado. **A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia**. 2011. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARTINS, Mirian Celeste (coord.). Curadoria educativa: inventando conversas. **Reflexão e Ação** – Revista do Departamento de Educação/UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul, vol. 14, n.1, jan/jun 2006, p.9-27. Disponível em: <http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_Texto_Curadoria-Educativa.pdf>. Acesso em: 02/04/2015.

MEMORIAL MINAS GERAIS VALE. **Plano Educativo**. Disponível em: <http://www.memorialvale.com.br> Acesso em: 16/02/2015.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana G. (org.) **Museus: dos gabinetes de curiosidade à museologia moderna**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2005.

MOREIRA, Marco Antônio. **Aprendizagem significativa crítica**. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/~Moreira/linguagem.pdf>. Acesso em: 15/12/2015

MUSEU DE ARTES & OFÍCIOS. **Socializando práticas educativas**. Disponível em: <http://www.mao.org.br/acao-educativa/socializando-praticas-educativas/> Acesso em 16/02/2015.

NASCIMENTO, Silvânia Sousa do; VENTURA, Paulo Cezar Santos. A dimensão comunicativa de uma exposição de objetos técnicos -*The communicative dimension of a technical objects exhibit* .**Ciência & Educação**, Bauru, v.11, n.3, p.445-446, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n3/07.pdf> Acesso em: 12/01/2016.

PASSOS, Maria José Spiteri Tavolaro . Como elaborar uma exposição. **Nova escola clube**. Disponível em: <http://rede.novaescolaclube.org.br/planos-de-aula/como-elaborar-uma-exposicao>. Acesso em: 19/10/2014.

PEREIRA, Júnia Sales et al. **Escola e Museus: Diálogos e Práticas**. Belo Horizonte: Cefor, 2007

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 1 - Memória - História - Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1984. Disponível em: <[http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20\(1984b\)](http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20(1984b))>. Acesso em: 15/04/2014.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**: O museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

SANTOS, Lucíola et al. (Org.) **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Currículo** – Ensino de educação física – Ensino de geografia – Ensino de história – Escola, família e comunidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Disponível em: <http://endipe.pro.br/site/eventos-anteriores/> . Acesso: em 12/09/2015.

SCHEINER, Tereza. Comunicação, Educação, Exposição: novos saberes, novos sentidos. In: **Semiosfera – Revista de Comunicação e Cultura**, UFRJ, Rio de Janeiro, v. 4-5, 2003.

SILVA, Roseli Correia da, SIMAN Lana Mara de Castro, HENRIQUES Rita de Cássia Chagas, SCALDAFERRI Dilma Mallard . (Equipe LABEPEH) & Wanessa Leite e Equipe EMAGH. **Escola Municipal Antônio Gomes Horta**. Uma perspectiva histórica. 2010.

SIMAN, Lana Mara Castro. Práticas culturais e práticas escolares: aproximações e especificidades no ensino de história. In: **História & Ensino**, v.9, p.185-204, Londrina, out. 2003. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/12083/10625>>. Acesso em: 10/11/2014.

SOUZA, Maria Inez Salgado de. Currículo, Cultura e Cotidiano – Algumas notas a partir de estudos das formações curriculares na contemporaneidade. In: SANTOS, Lucíola et al. (Org.) **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Currículo** – Ensino de educação física – Ensino de geografia – Ensino de história – Escola, família e comunidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Disponível em: <http://endipe.pro.br/site/eventos-anteriores/> . Acesso: em 12/09/2015

VALDEMARIN, Vera T.. Lição de coisas: concepção científica e projeto modernizador para a sociedade. In: **Cadernos Cedes**, ano XX, nº52, Campinas:novembro/2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622000000300006>. Acesso em: 07/02/2015.

VASCONCELLOS, Ana Cristina de; FRANÇA, Júnia Lessa. Manual para Normalização de publicações técnico-científicas. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

WERNECK, Ana Maria Azeredo Furquim; COSTA, Thiago Carlos; PEREIRA Angelina Gonçalves de Faria. **Planejamento e Gestão de Exposições em Museus**:

Caderno 03 Coleção Falando de... Secretaria de estado de Cultura/Superintendência de Museus e Artes Visuais de Minas Gerais, Belo Horizonte: 2010. Disponível em: http://www.cultura.mg.gov.br/images/2015/Sumav/miolo_planejamento_exposicao_1.pdf Acesso em: 21/04/2015.

WESTBROOK, Robert B.; Anísio TEIXEIRA. **John Dewey**. Tradução e organização José Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues. Coleção Educadores MEC - Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010. Disponível em: <dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 20/12/2015